

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

GILDÁSIO DE JESUS DA CRUZ



ELEMENTOS DE PEDAGOGIA EM ELLEN GOULD WHITE

GILDÁSIO DE JESUS DA CRUZ

ELEMENTOS DE PEDAGOGIA EM ELLEN GOULD WHITE



Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de vitória, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões. Área de concentração: Religião e Esfera pública

ORIENTADOR: José Mário Gonçalves

VITÓRIA-ES

2015

Cruz, Gildásio de Jesus da  
Elementos de pedagogia em Ellen Gould White / Gildásio de  
Jesus da Cruz. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.  
ix, 69 f. ; 31 cm.  
Orientador: José Mário Gonçalves  
Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,  
2015.  
Referências bibliográficas: f. 67-69  
1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3.  
Educação. 4. Ellen White e educação. 5. Professor-aluno. - Tese. I.  
Gildásio de Jesus da Cruz. II. Faculdade Unida de Vitória, 2015. III.  
Título.

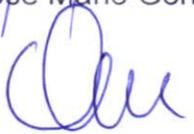
GILDÁSIO DE JESUS DA CRUZ

ELEMENTOS DE PEDAGOGIA EM H G. WHITE

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 01/12/2015.

  
Drnd. José Mário Gonçalves – UNIDA (presidente)

  
Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro – UNIDA

  
Drnd. Abdruschin Schaeffer Rocha – UNIDA



À minha esposa Verônica da Cruz e meus filhos, Uilton Jonathan e Sara, bens mais preciosos da minha vida. Muito obrigado por vocês terem me apoiado nesse Mestrado. Às vezes eu estava dentro de casa, mais não parecia, pois não dava a devida atenção a vocês. Por isso, eu só tenho a agradecer por cada momento distante da minha família. Todavia, esses esforços foram feitos para ajudar o próximo e para o bem de todos nós.

## AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus por ter iluminado a minha vida, por ter dado saúde, sabedoria e muita força para vencer.

A minha amada esposa Verônica da Cruz, pela compreensão e paciência, sobre tudo, por ter me incentivado a fazer esse mestrado.

Aos meus pais que foram também fundamentais na minha caminhada acadêmica, sem poder me ajudar financeiramente, mas nunca permitiu que eu desistisse.

Aos meus amigos, Écio Ferreira, Pr. Valmir, Pr. Flávio, Ubiracy, Leonardo Gomes, Denilson, Rosa, Docarmo, Valter, e outros mais que me apoiaram nessa jornada.

A toda a minha família que acreditou em mim e que sofreram comigo, desejando a todo momento o meu sucesso. A eles devo muito!

Ao meu orientador, professor José Mário Gonçalves que tirava as minhas dúvidas e sempre foi paciente comigo, mas sempre competente e exigente na produção da dissertação. Isso me fez amadurecer nas pesquisas.

A todos os meus professores da graduação e pós Graduação, pessoas importantes que fizeram parte da minha vida acadêmica, a quem devo meu eterno agradecimento por repartir comigo seu saber.

A todos que direta ou indiretamente colaboraram e se uniram por mim. Fico muito feliz por ter vocês como amigo, estou muito agradecido de coração!

## RESUMO

Esta pesquisa se propõe a entender a proposta educacional de Ellen White. Como objetivo principal procura conhecer os princípios filosóficos educacionais nos escritos de Ellen White, utilizados como referência para o sistema da igreja adventista do sétimo dia (IASD) em todo mundo. Por meio de revisão bibliográfica da autora, e recorrendo a autores secundários na medida em que estes possam auxiliar na caracterização do tema abordado nesta pesquisa, este artigo pretendeu como objetivos específicos identificar na autora os conceitos filosóficos educacionais, bem como os elementos curriculares, sua concepção de escola, o papel dos professores e dos alunos, a metodologia e sua concepção de avaliação no contexto da filosofia educacional. O estudo analisa o desempenho e a influência que a educação adventista exerceu no método de crescimento da IASD a partir da criação do Colégio Internacional em Curitiba, em 1896, até a consolidação do parecer de abertura do primeiro curso de nível superior, Enfermagem, em 1969, no Instituto Adventista de Ensino (IAE), a consolidação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) e o ato do estabelecimento do primeiro reitor do Centro Universitário Adventista de São Paulo em 1999. Como resultado preliminar, a partir das leituras feitas até o momento, pode-se resumir o pensamento educacional de Ellen White como fortemente religioso, com um currículo centrado na Bíblia. A escola é vista como centro de preparo para a vida temporal de serviço ao próximo. Como metodologia, Ellen G. White propõe um processo que poderia ser classificado teórico-prático, voltado para as realidades e demandas intelectuais e pragmáticas do cotidiano. Esses elementos básicos se tornaram norteadores da educação adventista no mundo.

**Palavras-chaves:** Educação-Escola-Professor-Aluno-Avaliação

## ABSTRACT

This research aims to understand the educational vision of Ellen White. The main objective seeks to know the educational philosophical principles in the writings of Ellen White, used as reference for the system of the Seventh-day Adventist Church (SDA) worldwide. Through literature the author's review, and using secondary authors to the extent that they can help characterize the topic of this research, this paper aims to specific objectives identified in the author's educational philosophical concepts, as well as curricular elements, their design school, the role of teachers and students, the methodology and design of evaluation with regard to educational philosophy. The study analyzes the performance and the influence that Adventist education played in the growth method of the SDA from the creation of the International College in Curitiba, in 1896, to consolidate the opening opinion of the first course of higher education, Nursing in 1969 at the Adventist Education Institute (IAE), the consolidation of the Adventist University Center of Sao Paulo (UNASP) and the establishment of the first act of the rector of the Adventist University Center of Sao Paulo in 1999. As a preliminary result from the readings made up now, one can summarize the educational thought of Ellen White as strongly religious, with a curriculum centered on the Bible. The school is seen as a preparation center for the temporal life of service to others. The methodology Ellen G. White proposes a process that could be classified theoretical and practical, facing the realities and intellectual and pragmatic demands of everyday life. These basic elements Have become guiding of Advent ion in the world.

Keywords: Education-School-Teacher-Student-evaluation

## LISTA SIGLAS

IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
IAE	Instituto Adventista de Ensino
MEC	Ministério de Educação e Cultura
UNASP	Centro Universitário Adventista de São Paulo
HASP	Hospital Adventista de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo
FAE	Faculdade Adventista de Enfermagem
FED	Faculdade de Educação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1.OS ESCRITOS SOBRE EDUCAÇÃO DE ELLEN G. WHITE: CONTEXTO E RECEPTIVIDADE.....</b>	<b>13</b>
1.1. WILLIAM MILLER E O INÍCIO DO MOVIMENTO ADVENTISTA.....	13
1.2. HEALDSBURG COLLEGE/ PACIFIC UNION COLLEGE.....	21
1.3. AVONDALE COLLEGE.....	22
1.4. COLLEGE OF MEDICAL \ EVANGELISTS\ LOMA LINDA UNIVERSITY.....	24
1.5. AMBIENTE ESCOLAR.....	25
1.6. AMBIENTE SOCIAL.....	29
<b>2.DIMENSÃO DIDÁTICA-PEDAGÓGICA NOS ESCRITOS DE ELLEN G. WHITE.....</b>	<b>31</b>
2.1. ESCOLA.....	31
2.2. PROFESSOR.....	33
2.3. ALUNO.....	37
2.4.METODOLOGIA.....	39
2.5. AVALIAÇÃO.....	41
<b>3. A FILOSOFIA EDUCACIONAL WHITEANA E O AVANÇO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA NO BRASIL.....</b>	<b>44</b>
3.1. O PERCURSO DO COLÉGIO CURITIBANO .....	44
3.2. ELEMENTOS BÁSICOS EM WHITE QUE SE TORNARAM NORTEADORES NA EDUCAÇÃO ADVENTISTA.....	48
3.3. A HISTÓRIA DO ENSINO SUPERIOR NA REDE ADVENTISTA .....	54
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

Essa dissertação pretende apresentar elementos da pedagogia de Ellen G. White. A pedagogia de Ellen White é notoriamente religiosa. É uma pedagogia cristã. Muitos de seus princípios aplicam-se indistintamente às escolas seculares e religiosas. White está preocupada principalmente com uma educação que tenha como objetivo desenvolver o caráter, o treino religioso e a preparação de servidores para a ocupação de sala de aula. A pesquisa examina o papel e a importância que White dá a educação como uma preparação para a vida de serviço, de cidadania e na constituição de lares sólidos. Os assuntos referentes à White que serão analisados neste trabalho são: o contexto da época e sua biografia, a receptividade dos seus escritos, o currículo, às concepções de escola, o papel dos professores e dos alunos, a metodologia, a avaliação e a implantação da pedagogia whiteana no Brasil. O estudo analisa o desempenho e a influência que a educação adventista exerceu no método de crescimento da IASD a partir da criação do Colégio Internacional em Curitiba, em 1896, até a consolidação do parecer de abertura do primeiro curso de nível superior, Enfermagem, em 1969, no Instituto Adventista de Ensino (IAE), a consolidação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) e o ato do estabelecimento do primeiro reitor do Centro Universitário Adventista de São Paulo em 1999. O objeto da pesquisa é perceber os elementos pedagógicos em Ellen G. White e sua contribuição para a educação adventista, sua proposta de ensino e seus desdobramentos no cotidiano escolar, seu currículo e as formas específicas de condução da prática educativa.

O foco desta pesquisa está direcionado ao papel dos professores que é uma questão que Ellen G. White considerou como o fator mais importante na educação<sup>1</sup>. Além disso, ela estabelece grande ênfase na formação que constitui a família e a Bíblia como matéria do currículo, nos aspectos práticos da fisiologia e da saúde, e também na agricultura. Enfatiza o conhecimento das matérias instrumentais, um plano diário equilibrado e a localização da escola. A pesquisa se propõe a apresentar que White considera o professor como fator singular mais importante no processo educativo. Também é certo que avaliou o ensino ocupando um segundo lugar em importância, considerando que os professores são tão importantes no

---

<sup>1</sup> WHITE, Ellen G. *Fundamento da educação cristã*. São Paulo: Casa Publicadora brasileira, 1975. p. 226.

processo educativo e devem estar adequadamente qualificados para sua tarefa. Aqui se pretende mostrar que Ellen White deu suficientes conselhos sobre as qualificações do professor e dos alunos. Deve-se notar, no entanto, que pouco se discute sobre as qualificações, no sentido de cursos e matérias que deveriam fazer parte do currículo de um professor. Enfatizaremos a grande preocupação e interesse pelo êxito escolar que White tinha pelos jovens e crianças. Para ela, ser um estudante implicava em privilégios e sérias responsabilidades que deviam ser realizadas da melhor maneira possível. Com esse objetivo, escreveu acerca dos jovens e estudantes para ajudar o educador a compreendê-los em suas necessidades.

Escreveu também aos estudantes para ajudá-los a compreenderem-se a si mesmos: seus próprios desejos e ambições, deveres e privilégios. Instruiu-os em questões de finanças, esportes, saúde, estudo, trabalho e vida cristã. Buscou inspirá-los a fim de alcançarem elevadas normas de caráter e educação no sentido de dedicarem suas vidas ao serviço da humanidade e da igreja. Com respeito à metodologia, pouco se tem apresentado sobre os métodos de ensino das distintas matérias escolares. Contudo, a pesquisa mostra algumas poucas sugestões que ela dá para uma metodologia de ensino. A avaliação, Ellen White entende que, a avaliação deve considerar todas as outras estaturas e não apenas o aprendizado dentro das salas de aula. Trata-se de uma visão integral do educando. Essa avaliação de virtudes, de princípios e de caráter é algo ainda a ser praticado pela Educação. Essa pesquisa está estruturada em três capítulos: O primeiro capítulo analisa os escritos de Ellen Gould White, tendo em vista o contexto de seus escritos e a sua receptividade. Outro assunto abordado é a questão do movimento adventista que surgiu nos Estados Unidos da América na primeira metade do século XIX. Toda história do adventismo está relacionada a esse despertar religioso que constitui uma referência importante na explicação de sua origem. Nesse mesmo capítulo, será explicado também, o sistema escolar no contexto adventista que só veio a desenvolver-se depois do desapontamento de 1844, quando muitos seguidores abandonaram o movimento do advento. Além disso, apresentaremos alguns educadores cujos trabalhos influenciaram o pensamento de Ellen White. No segundo capítulo, é apontado à dimensão didático-pedagógica dos seus escritos concernentes ao âmbito educacional. Neste capítulo apresento a escola e a família

como um dos agentes sociais para a aprendizagem dos filhos. Outro elemento neste segundo capítulo considerado básicos no processo ensino- aprendizagem é o professor como já foi falado *a priori*. Em seguida, no mesmo capítulo, vêm mais três elementos que são discutidos separadamente: aluno, metodologia e avaliação.

Já o terceiro capítulo apresenta a história do percurso da educação whiteana no Brasil nos níveis básico e superior, bem como seus princípios didáticos filosóficos e pedagógicos, enfatizando sua importância para a educação atual, e apresentando a influência da pedagogia de Ellen G. White, na educação adventista, no Brasil.

Diante do exposto, essa pesquisa apresenta o papel da pedagogia de White no processo de educação do ser humano e influência exercida por seus ensinamentos. No aspecto social, a pesquisa também manifesta ser relevante, pois White mostra o papel da família, da escola e da igreja no processo de educação e formação do caráter da criança. Embora a educação seja uma função da sociedade, é ela que determina, em longo prazo, a qualidade e a eficiência de qualquer sociedade. A fim de conseguir um resultado saudável a educação deve começar com uma boa base no lar, o que implica que pais bem educados seja parte do alicerce da sociedade. Sendo que os jovens são os futuros pais, a sociedade necessita prover-lhes uma educação que enfatize os valores morais. A obra mais nobre que alguém pode realizar é instruir as crianças e jovens a reconhecer e cumprir sua responsabilidade com a sociedade<sup>2</sup>. Um dos objetivos da educação whiteana é o desenvolvimento social. O colégio deveria ser uma comunidade onde tanto a educação ocasional como a planejada, aumentem as habilidades dos estudantes em sua conduta social e em suas relações com o grupo. A principal meta alcançada por este estudo foi analisar o papel da pedagogia whiteana para as escolas no processo de educação, bem como, as influências exercidas e o avanço desses no Brasil. Para efeito deste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica e descritiva, pois identifica e descreve os conceitos fundamentais do pensamento whiteano na obra da educação. No entanto, esse estudo configura-se em uma pesquisa de caráter bibliográfico, visto que recorreu a acervo bibliográfico para obter as informações recorrentes ao tema desta dissertação. Envolvendo autores que poderão contribuir com a fundamentação teórica aqui proposta. É nosso principal objetivo a pedagogia nos escritos de White.

---

<sup>2</sup> WHITE, 1975, p. 121.

# 1 OS ESCRITOS SOBRE EDUCAÇÃO DE ELLEN G. WHITE: CONTEXTO E RECEPTIVIDADE.

## 1.1 William Miller e o Início Do Movimento Adventista

O movimento adventista surgiu nos Estados Unidos da América na primeira metade do século XIX. Este momento corresponde ao começo do desenvolvimento sócio- econômico naquele país e o desenvolvimento de sua cultura nacional. Depois da segunda guerra da Grã-Bretanha contra os EUA em busca da independência (1812 a 1814), a grande penetração de imigração para o Oeste, apesar dos resultados de crescimento e estabelecimento de novos estados, das propriedades que eram ocupada pelos colonos e sistema sócio- econômico, todo esse crescimento urbano nesse período trouxe enormes consequências culturais. Foi nesse contexto que nasceu o chamado “novo Oeste” que marcou o surgimento do que em breve se chamaria de “Segundo Grande Despertar Evangélico”. As condições sociais da fronteira eram extremamente diferentes da predominante na costa Oriental. No Oeste a influência do mundo europeu era muito menor do que das áreas de colonização antiga, expandindo de tal modo uma mentalidade nacional. Os indivíduos acreditavam na igualdade, eles eram autossuficientes e materialistas, apesar de ter por força das circunstâncias da própria sobrevivência um forte senso comunitário. Pragmático, o homem do Oeste tomou a religião em suas próprias mãos, e renunciando às abstrações da teologia, desenvolvendo uma fé mais emocional<sup>3</sup>.

Em contrapartida, a teologia fundamental da tradição calvinista que era a salvação pela eleição sob a força da democracia jacksoniana<sup>4</sup> estava sendo trocada

---

<sup>3</sup> SILVA, Marcos. Da República em migalhas- *História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 2006. p. 2.

<sup>4</sup> Andrew Jackson (1767-1845), político democrata norte-americano foi presidente dos Estados Unidos de 1829 a 1837. Destacou-se por defender os princípios da soberania popular. O lema do discurso de Jackson era: “é a maioria que governa”. “Ao povo pertence o direito de eleger seu chefe supremo”. Andrew Jackson incorporava os desejos americanos e representou a superioridade da América sobre uma Europa civilizada. CHARLES, Grier, Jr. *Andrew Jackson versus the Historians*, The Mississippi Valley Historical: Review, 1958. p. 615-634.

pelas ideias arminianas<sup>5</sup> da salvação pelo livre-arbítrio. Nesta perspectiva, este conjunto de fatores despertou uma espécie de milenarismo secular que se propagou no meio das igrejas tradicionais da América. Essa crença despertou nas igrejas um grande movimento de reforma social no. Nesse tempo, o protestantismo também estava experimentando um renascimento, principalmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. As reuniões campais assumiam um matiz interdenominacional, e logo os congregacionalistas e presbiterianos formais sentiram o chamado para experimentar a religião de forma mais emocional e pessoal. Schwarz e Greenleaf, afirmam que:

O final do século 18 e início do século 19 foi profuso em diversidade religiosa. Proliferavam novas seitas. Rejeitando o dogma e as igrejas institucionalizadas, proclamando seu retorno ao cristianismo primitivo de orientação bíblica, alguns desses grupos se desenvolveram em comunidade religiosa com crenças e práticas posteriormente partilhadas pelos adventistas do sétimo dia.<sup>6</sup>

Essas foram às circunstâncias que caracterizava o ambiente cultural e religioso dos Estados Unidos, quando da eclosão do milerismo, movimento do qual o adventismo derivou. A história do adventismo está relacionada ao despertar religioso ocorrido nos Estados Unidos da América na primeira metade do século XIX, que constitui uma referência importante na explicação de sua origem. Todavia, a visão profética os remete aos tempos bíblicos e à história do cristianismo, principalmente à Reforma Protestante. Ataídes declara que:

Ao contrário do que se pode imaginar, o surgimento dos adventistas do sétimo dia no mundo não se deu num contexto de ruptura com outro movimento. Era, em seus primórdios, no século XIX, um movimento interdenominacional, reunindo cristãos de várias denominações: batistas, metodistas, congregacionalistas entre outros.<sup>7</sup>

A história dos adventistas do sétimos dia no mundo teve seu início nos Estados Unidos e logo depois chegou ao Brasil. A história do movimento adventista pode se dividir em três momentos: o primeiro despertar religioso teve início na

---

<sup>5</sup> JAMES Arminius (1559-1609), teólogo holandês, tentou mudar o calvinismo. Arminius pregava que a morte de Cristo era suficiente para todos, desde que acreditasse, enquanto que Calvino limitou a salvação aos eleitos para a redenção.

<sup>6</sup> SCHWARZ, Richard W. Greenleaf, Floyd. *Portadores de Luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. São Paulo: UNASPRESS, 2009. p .14.

<sup>7</sup> ATAÍDES, Daniel. *Educação confessional face ao princípio da laicidade: Uma Análise Pedagógica Adventista em Belo horizonte*. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado)- programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte: 2011. p. 46.

década de 1730 e foi até 1755. Já o segundo momento é mais assinalado com o momento de desenvolvimento das crenças fundamentais e o nascimento da organização que se tornou uma igreja adequadamente dita. Esse momento durou de 1844 até 1863. O terceiro momento ficou marcado pela concretização da trajetória como Igreja. E havendo sido patenteada como organização em 1963 avançou até o final do século XIX e início do século XX<sup>8</sup>. O período da segunda fase do despertar religioso que foi formado nos primórdios da década de 1830 até o ano de 1844 que incide em uma época de renovação no protestantismo. Nessa época a sociedade procurava dentro das denominações protestantes uma experiência de renovação espiritual, recorrendo para uma experiência religiosa mais emocional e pessoal<sup>9</sup>. É nesse contexto que aparece o estudioso Guilherme Miller, homem que se destacava pelo conhecimento da Bíblia, ele foi o pioneiro do movimento adventista, nasceu em Pittsfield, Massachusetts em 1782, sua religião antes de ser estudante da Bíblia era deísta<sup>10</sup>.

Quando era mais novo, despertou a vontade de estudar as Sagradas Escrituras e foi mediante as interpretações bíblicas que ele se tornou o principal fundador do adventismo. Nessa época, os adeptos do movimento millerita estavam certos que a volta de Jesus seria no dia 22 de outubro 1844. O evento esperado pelos seguidores precedentes de diversas denominações protestantes milleritas não aconteceu conforme eles esperavam, depois dessa decepção, Miller passou a estudar cuidadosamente a Bíblia e chegou à conclusão de que naquela ocasião aconteceu um “acréscimo” no trabalho sacerdotal de Cristo a ser desempenhado no santuário que está no céu. Os adventistas do sétimo dia creem até hoje que o ano de 1844 define o fim da grande cena profética dos 2.300 anos<sup>11</sup>. Nesta perspectiva, pode se dizer que no ano de 1844, Jesus Cristo começou a desempenhar a última fase de sua obra no céu, que para os adventistas é uma ação do juízo investigativo.

---

<sup>8</sup> ATAÍDES, 2011, p. 46.

<sup>9</sup> SCHWARZ, Greenleaf, 2009, p.14.

<sup>10</sup> Deísta: o seguidor de deísmo que, segundo Maxwell, é uma filosofia inspirada em pensadores como David Hume, Thomas Paine e Voltaire que admite a existência de um Deus criador, mas questiona a ideia da revelação divina, nega os milagres e o elemento sobrenatural. MAXWELL, C. Mervyn. História do adventismo. São Paulo: Casa Publicadora brasileira, 1982. p.10.

<sup>11</sup> SCHWARZ, Greenleaf, 2009, p.175. Dá se o nome “cadeia profética” quando uma profecia é achada nas Sagradas Escrituras como no caso de Daniel, que segundo a interpretação dos adventistas, aponta para o evento que ocorreria em 2300 dias. O método adotado pelos adventistas do sétimo dia é o historicismo que aponta que em profecia, um dia representa um ano e que os 2300 dias são na verdade 2300 anos, motivo para se dizer “cadeia profética”.

Depois do desapontamento de 1844 surge uma necessidade maior dentro do movimento com respeito à organização religiosa dos adventistas do sétimo dia. Essa ação legal, de organização do movimento, daria fim à segunda fase da sua história. Sobre a terceira fase que dá início ao crescimento internacional destaca Ataídes:

A terceira fase, de 1863 até o fim do século XIX e início do século XX, é caracterizada pelo crescimento internacional, para além das fronteiras dos Estados Unidos. Em 1876 foi enviado o primeiro representante internacional para a Europa, sob a direção da liderança mundial. Em 1883, a Igreja é considerada uma Igreja mundial<sup>12</sup>.

O sistema escolar no contexto adventista só veio a desenvolver-se depois do desapontamento de 1844, quando muitos seguidores abandonaram o movimento do advento. O grupo que permaneceu deu origem à organização que viria se estabelecer depois de legalizada. Schwarz e Greenleaf afirma que o sistema educacional adventista surgiu para preparar às crianças para a vida secular, pois na época elas estavam sendo alvo de exposição e zombaria de crianças de outras crenças<sup>13</sup>. Outro fator que levou a formação da educação adventista era com respeito à literatura da época, pois, na educação secundária e superior do século XIX nos EUA, os clássicos gregos e latinos lidos na língua original ocupavam o centro do currículo. O ensino dos autores não cristãos tomava a maior parte do tempo dos alunos. É nesse ínterim, que se configura a presença de White de forma mais intensa na educação adventista. A escritora norte-americana Ellen White nasceu em Maine, costa noroeste dos Estados Unidos em 26 de Novembro de 1827 e dedicou toda a sua existência a escrever. Foi uma das pioneiras da então nova denominação religiosa que ficou conhecida como Igreja Adventista do Sétimo Dia. Aos nove anos de idade, uma tarde ao voltar da escola para casa foi ferida por uma pedra que uma colega de classe lhe atirou no nariz. Esse acidente quase lhe custou à vida, ela ficou inconsciente durante três semanas, mas, depois se recuperou.

No ano de 1840, Ellen assistiu com os pais uma reunião campal metodista em Boston, Maine, e lá, com a idade de 12 anos, converteu-se. Por sua insistência foi batizada por imersão pelo ministro metodista no Oceano Atlântico e nesse mesmo dia, foi recebida como membro da igreja Metodista com outros membros da família. Todavia, Ellen frequentou durante dois anos as reuniões adventistas em Portland e em 1842, ela aceitou plenamente os pontos de vista apresentados por Guilherme

---

<sup>12</sup> ATAÍDES, 2011, p. 49.

<sup>13</sup> SCHWARZ, Greenleaf, 2009, p.116.

Miller. Foi batizada e removida da igreja metodista, ela e toda a sua família. Ellen White escreveu mais de 5.000 artigos e 49 livros, e hoje incluindo compilações de seus manuscritos mais de 100 livros estão disponíveis em inglês e cerca de 70 em português. Ellen G. White é a escritora mais traduzida em toda a história da literatura. Seus escritos abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo religião, educação, saúde, relações sociais, nutrição e administração. Sua obra-prima mais traduzida no mundo é o *caminha a Cristo* que já foi publicada em cerca de 150 idiomas com mais de 100 milhões de cópias em circulação. Viveu ativamente até os 87 anos de idade e faleceu em 16 de julho do ano de 1915 na costa Oeste da Califórnia<sup>14</sup>.

Nessa época o espírito de reforma reanima a sociedade americana durante os anos do movimento millerita que fez muito pelo progresso da educação pública elementar gratuita<sup>15</sup>. Seus efeitos foram sentidos no melhor preparo do professor, num ampliado currículo básico e num alongado período escolar. Alguns dos que favoreciam a reforma estavam também interessados em integrar o trabalho manual à instrução teórica, principalmente em escolas que operavam acima do nível primário. Para compreender melhor o contexto que White escreveu sobre educação é preciso primeiro falar dos principais pensadores do iluminismo europeus do século 18. Pois apesar de White não ser contemporâneos de alguns deles, vários dos pensamentos whiteanos estão em harmonia com a reforma educacional da sua época<sup>16</sup>. No continente europeu, Jean Jacques Rousseau, em 1762, descreve a educação ideal em *Emílio*. Para Rousseau, a instrução sobre agricultura era importante no preparo da criança para uma vida simples e feliz em uma sociedade ideal. Um pouco menos importante era o conhecimento do ofício de ferreiro e carpintaria<sup>17</sup>. Uma primeira tentativa para executar as ideias de Rousseau na suíça foi feita pelo reformador educacional Johann Pestalozzi<sup>18</sup>. Um programa ainda mais extenso, enfatizando a interação da agricultura e a arte mecânica, era dirigido por Phillip Von Fellenberg e Jacob Wehrli, de acordo com Richard e Greenleaf:

<sup>14</sup> WHITE, Ellen.G. documento eletrônico disponível em:

<[www.adventistas.org/pt/espirtodeprofecia//biografia-de-ellen-g-white/](http://www.adventistas.org/pt/espirtodeprofecia//biografia-de-ellen-g-white/)> acesso em: 20 set.2015.

<sup>15</sup> A. W. Spalding. *Origin and History of Seventh-day Adventists*. Wshington: Review and Herald, 1961.p.75.

<sup>16</sup> RICHARD, Greenleaf, 2009, p.114.

<sup>17</sup> GODOTTI, Moacir. *História das Ideias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1997. p.94.

<sup>18</sup> GODOTTI, 1997, p. 97,98.

<sup>18</sup> RICHARD, Greenleaf, 2009, p.114.

As cinco escolas dirigidas por esses dois homens eram famosas pelas estreitas relações professor-estudante e por seu aspecto religioso. Posteriormente, Wehrli fundou uma escola normal a fim de preparar estudante para ensinar crianças camponesas na Suíça. Ali ele promoveu (1) a importância do círculo familiar e a instrução dentro dele; (2) a superioridade da observação direta à cultura livresca ou conhecimento teórico; (3) uma localização rural para as escolas; e (4) trabalho agrícola compulsório para os meninos, independentemente de sua condição social). Wehrli enfatizava constantemente que os professores deveriam estar mais preocupados com o desenvolvimento do caráter dos estudantes do que em transmitir informações<sup>19</sup>.

Esse era o pensamento educacional dos educadores na Europa no século XVII ao XIX, uma educação que incluía instrução nas habilidades mecânicas e agrícolas em seu sugerido esquema de educação popular. Entretanto, nos Estados Unidos os reformadores americanos também tinham um trabalho manual em conexão com a educação formal, não era exatamente estranho para o contexto americano. Durante o século 18 conforme Richard e Greenleaf,

Os irmãos morávios em Bethlehem, Pensilvânia, havia ensinado a agricultura aos meninos que frequentavam sua escola, e no Cokesbury College em Maryland, os metodistas enfatizavam as vantagens recreativas da jardinagem e carpintaria em lugar dos esportes. Tais programas, porém, apenas antecipavam vagamente o Movimento Americano do Trabalho manual, que se iniciou em meado da década de 1820, chegando ao seu apogeu por volta de 1834, e desaparecendo rapidamente durante a década seguinte<sup>20</sup>.

A última metade do século XIX, contudo, observou mudanças sem precedentes com a revolução industrial alcançando o auge. A industrialização, a urbanização e as migrações em massa foram fatores centrais no cenário americano. É nessa época que surge John Dewey, um filósofo e pedagogo norte-americano. É considerado o expoente máximo da escola progressiva americana. Uma nova educação começou a surgir entre os séculos XIX e XX e ela pode ser encarada em três momentos principais: primeiro, a criação das escolas novas, que foram vistas como iniciativas audaciosas, quebrando com os princípios tradicionais que se apegava às matérias de estudo e desprezava o dinamismo, o poder evolutivo inerente à experiência da criança, segunda, John Dewey, a formulação de novas teorias de educação que é uma ideia de educação desenvolvida de dentro para fora e de que é formação de fora para dentro; a de que se baseia nos dotes naturais e a

<sup>19</sup> RICHARD, Greenleaf, 2009, p.114.

<sup>20</sup> RICHARD, Greenleaf, 2009, p.114.

de que é um processo de vencer as inclinações naturais e substituí-las por hábitos adquiridos sob pressão externa. John Dewey, nos Estados Unidos propõe a educação para a liberdade e expõe o sentido e a orientação que devem ter no ensino. Os programas e planos de estudos são baseados nas ideias fundamentais da filosofia de educação mais nova que lhe dá unidade para buscar uma relação íntima e necessária entre os processos de experiência real na educação.<sup>21</sup> Outro educador importante da época era Horace Mann, foi um estadunidense educador e abolicionista nos tempos de White, teve um papel na criação das escolas para surdos e mudos na América. Knight, cita esse educador como fundador do sistema público americano que colocava a educação acima de todas as invenções do homem:

Portanto, a educação, além de todas as outras invenções de origem humana, é o grande equalizador das condições do homem, a roda de equilíbrio do maquinário social [...] Ela dá ao homem a independência e os meios pelos quais ele pode resistir ao egoísmo de outro homem. Faz melhor do que desarmar o pobre de sua hostilidade para com o rico: ela previne a pobreza [...] Se essa educação fosse universal e completa, contribuiria mais que qualquer outra coisa para eliminar as distinções convencionais da sociedade.<sup>22</sup>

Um dos primeiros pensadores a atribuir seriedade pedagógica no trabalho manual foi Robert Owen (1771-1858), um Inglês que levou suas ideias para os Estados Unidos. Para ele, a educação deveria ter como princípio básico o trabalho produtivo. A escola deveria solucionar de maneira concreta e direta os problemas da produção e os problemas sociais<sup>23</sup>. Outro educador Inglês que levou sua influência para os Estados Unidos foi Alfred North Whitehead (1861-1947), ele afirmava que a educação tinha que ser benfeitora.<sup>24</sup> Nesse sentido, os americanos adeptos do estilo educacional mais antigo destacavam dois benefícios específicos do trabalho manual: (1) seu auxílio na melhoria da saúde e (2) sua contribuição para satisfazer os custos escolares dos estudantes. A primeira experiência das escolas em geral no EUA com o trabalho manual ocorreu no Seminário Teológico de Andover, onde se exigia de cada aluno que trabalhassem no mínimo uma hora e meia por dia na fábrica de caixa ou loja de moveis da escola. Foi em 1831, com o apoio dos comerciantes de Nova Iorque Lewis Tappan (1788-1873) era um abolicionista em *New York* ele e os

<sup>21</sup> ROSA, Maria da Glória. *A história da educação Através dos Textos*. São Paulo: Cultrix, 1999. p. 8.

<sup>22</sup> KNIGHT, 2010, p. 57.

<sup>23</sup> GADOTTI, 1997, p.120.

<sup>24</sup> GADOTTI, 1997, p.119.

irmãos Arthur trabalhavam para conseguir a liberdade dos escravos africanos que estavam ilegalmente no *Amistad*. Eles formaram a sociedade americana para a promoção do trabalho Manual em Instituições Literárias. Theodore Weld foi nomeado o agente geral da sociedade e enviado para visitar algumas das mais de 60 escolas que tinham experiência com programas de trabalho manual. A luta pela causa antiescravagista era assunto daquela época e foi por esse motivo que Lewis Tappan e Arthur seu irmão deixaram de lado o trabalho manual. Richard e Greenleaf, afirma que:

Tanto Weld quanto os Toppans logo se comprometeram tão profundamente com a causa antiescravagista que não tinham tempo para a promoção do trabalho manual. A sociedade definiu e, assim, o interesse pela ideia na maioria dos seminários e colégios. Contudo, a ideia do trabalho manual havia se espalhado em algumas escolas dessa natureza, se se exigia de todos os alunos que passassem três horas por dia em atividade útil. Seus efeitos foram também sentidos mais no norte no Oberlin College, embora essa instituição estivesse primeiramente preocupada com a antiescravatura e os direitos das mulheres<sup>25</sup>.

Quarenta anos depois, desenvolveu-se uma nova onda de interesse, desta vez no sistema Sloyd dos educadores na Exposição Centenária de Filadélfia que era um trabalho manual muito respeitado pela comunidade americana da época. Eles viajavam de cidade em cidade fazendo diferentes serviços de marcenaria, latoaria, produção de ferramentas, talheres, panela e outros trabalhos, tudo feito de forma manual. Esse trabalho era acompanhado sempre por um professor. Na década de 1880 a ênfase voltou-se para o treinamento vocacional em nível de escola secundária e enfatizava a familiaridade dos estudantes com a carpintaria e ferramentas de oficina mecânicas. Quando, em 1872, Ellen G. White escreveu o seu segundo ensaio extenso sobre educação, ela declarou enfaticamente: “somos reformadores.” De acordo com Knight, o desejo de White era resgatar esse ideal de educação que estava esquecido e pouco se ensinava nas escolas da época. Quando ela exclamou: “somos reformadores”<sup>26</sup> estava se referindo a esses educadores que foram citados acima. Segundo White, esses educadores foram honrados no campo do saber:

O mundo tem seus grandes ensinadores, homens de poderosos intelectos e vasta capacidade de pesquisa, pessoas cujas palavras têm estimulado o

<sup>25</sup> RICHARD, Greenleaf, 2009, p.115.

<sup>26</sup> KNIGHT, R. George. *Mitos na Educação Adventista*. São Paulo: Unaspres, 2010. p. 31.

pensamento e revelado extensos campos do saber; tais indivíduos têm sido honrados como guia e benfeitores do gênero humano<sup>27</sup>.

Portanto, Knight assegura que a pedagogia de Ellen G. White estava em conformidade com os conceitos da reforma educacional de sua época. Por exemplo, seus escritos sobre o papel da fisiologia na educação a respeito de ventilação e claridade apropriada na sala de aula<sup>28</sup> se assemelham com algumas das ideias dos relatórios anuais de Horace Mann educador norte-americano no século XIX<sup>29</sup>.

## 1.2 Healdsburg College / Pacific Union College.

No ano de 1881, de acordo com Herbert Douglass, a associação da Califórnia entendeu que havia uma necessidade de construir uma escola na Costa Oeste. A propriedade foi comprada em abril de 1882 na cidade de *Healdsburg*, tendo como seu primeiro diretor Sidney *Brownsbergel* ex- diretor do *Battle Creek Colleg*. O colégio não tinha muitos recursos, pois, as mensalidades eram cobradas abaixo do que deveria ser aos alunos<sup>30</sup>. White advertiu as escolas contra a tentativa de trazer grande número de alunos e minimizar a anuidade por causa do efeito “prejudicial” que isso surtiria.

Em algumas de nossas escolas o preço da instrução tem sido demasiado baixo. Isso tem sido em muitos sentidos prejudicial ao trabalho educativo. [...] A escola deve ter renda suficiente, não só para pagar as necessárias despesas correntes, mas para poder prover aos alunos, durante o período escolar, alguns equipamentos essenciais a seu trabalho. [...] Talvez o elevar devidamente os preços ocasione diminuição na matrícula, mas o maior número de alunos não deveria causar tanto regozijo como a libertação do débito<sup>31</sup>.

Uma das questões mais discutidas no campo da educação brasileira sem dúvida é a falta de oferecer um ensino de qualidade. Para White, uma instituição de qualidade é mais importante do que uma Instituição que busque somente a quantidade. Pedro Demo afirma que “É um erro aspirar confronto dicotômico entre qualidade e quantidade, pelo motivo simples de que ambas as proporções fazem

<sup>27</sup> WHITE, Ellen, *Educação: um modelo de ensino integral*. São Paulo: Casa Publicadora brasileira, 2008. p.5.

<sup>28</sup> WHITE, Ellen G. *Ciências do bom Viver*. São Paulo: Casa publicadora brasileira, 2010. p. 274.

<sup>29</sup> KNIGHT, 2010, p. 31.

<sup>30</sup> HERBERT, 2010, p. 355.

<sup>31</sup> WHITE. Ellen G. *Conselho sobre educação*. São Paulo: Casa publicadora brasileira, 1976.p.196.

parte da realidade e da vida”<sup>32</sup>. Esse ensino de qualidade vai se firmando na medida em que cada aluno, professor, dirigentes, técnicos, servidores, pais e sociedade tenha um papel definido a desempenhar. O colégio de Healdsburg aprendeu e adquiriu conhecimento com a escola de Battle Creek por isso queria tê-lo como modelo, Schwarz, Richard afirma que:

Brownsberger havia aprendido com sua experiência em Battle Creek. Ele estava decidido a desenvolver um programa que combinasse os aspectos religioso, vocacional e físico do aprendizado com o aspecto mental. Logo ele foi habilmente assistido por W.C.Grainger, que se uniu ao corpo docente a tempo para o período de outono<sup>33</sup>.

Quando Brownsberger deixou Healdsburg em 1886, Grainger permaneceu o aumento dos âmbitos da escola e instalação do dormitório. Outra vez, aprendendo dos erros de Battle Creek, o colégio protegeu os alunos contra as inquietantes influências de preparar suas próprias refeições e se acomodar aos instáveis padrões de disciplina doméstica. Grainger tornou-se não apenas o diretor-geral, mas “decano, gerente comercial, preceptor do dormitório, professor, conselheiro, secretário, contador e também pai”<sup>34</sup>. Healdsburg foi também o pioneiro na implantação do conselho de White no sentido de associar a atividade intelectual com um programa de trabalho manual. Todos os alunos passavam duas horas por dia letivo trabalhando sob a supervisão direta de um professor. Essa inovação foi bem-sucedida enquanto o corpo discente permaneceu relativamente pequeno<sup>35</sup>.

### 1.3 Avondale College

Em 1891, White viajou para a Austrália, e mal previa o grande impacto que essa nova instituição repercutiria sobre a pedagogia mundial adventista. Atrás dessa escola estavam as escolas norte-americanas que se debatiam com enormes dificuldades, porém, renegavam a relacionar princípios educacionais convencionais com os princípios educacionais reformadores. No começo de 1894, White escreveu o alvará para o estabelecimento da nova escola australiana, intitulada “trabalho e

<sup>32</sup> DEMO, Pedro. *Magistério formação e trabalho pedagógico*, educação e qualidade. São Paulo: Papyrus, 1994. p. 9.

<sup>33</sup> RICHARD, Greenlaf, 2009, p.128.

<sup>34</sup> RICHARD, Greenlaf, 2009, p.128.

<sup>35</sup> RICHARD, Greenlaf, 2009, p.191.

Educação”. Ela inferiu perguntas centrais a respeito desta e de outras escolas: “como devem elas ser dirigidas? E qual deva ser a educação e o prepara dos jovens” <sup>36</sup>? Logo, Ellen White responde a todas essas perguntas e ressalta que o proposito da educação cristã é preparar os estudantes para atender as necessidades de outras pessoas, pois assim fazendo, estaria desenvolvendo seu potencial. Mas, para formar estudantes com essas características as escolas deveriam ser localizadas distantes das grandes cidades. Uma educação em meio à natureza traria benefícios que nas grandes cidades não seria possível. De acordo com White, a educação distante das grandes cidades seria o mais ideal, veja o que a autora diz:

[...] que estejam em harmonia com a solene mensagem que nos foi comissionada a dar ao mundo. Semelhante educação pode ser mais bem aplicada fora das cidades, onde haja terra para cultivo. [...] Esse aprendizado útil numa escola agrícola é a educação essencial para os que saem como missionários a muitos campos estrangeiros<sup>37</sup>.

Sobre essa perspectiva, o ensino e o preparo do aluno para o serviço a comunidade é enfatizado pela autora. O educador Geoge Knight, ao escrever sobre este assunto diz que “um dos objetivos primordiais da Educação Adventista é o serviço a outros [...]” <sup>38</sup>. Ao mencionar o tema “valores” Knight, esclarece que “toda experiência educacional é repleta de valores” <sup>39</sup>. Nesse sentido, o educando é influenciado a viver coerentemente com os princípios básicos da ética cristã e da valorização como indivíduo e como membro de uma comunidade, com responsabilidade e direitos em relação ao meio ambiente, á vida e a família. Em setembro de 1898, ela escreveu que “nossa escola deve ser um modelo para outras escolas” <sup>40</sup>.

<sup>36</sup> WHITE, Ellen G. *Fundamento da educação cristã*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1975. p. 310, 327.

<sup>37</sup> WHITE, Ellen G. *Conselho aos pais professores e estudantes*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1994. p. 532.

<sup>38</sup> KNIGHT, George R. *Filosofia & Educação*. São Paulo: Eng. Unaspress, 2001. p. 216.

<sup>39</sup> KNIGHT, 2001, p. 216.

<sup>40</sup> WHITE, 2008, p. 531.

#### 1.4 College of Medical \ Evangelists\ Loma Linda University

Em 1905, o sul da Califórnia possuía dois centros adventistas de saúde: um em Paradise Valley, perto de San Diego, e outro em Glendale perto de Los Angeles, ambos fundados pela forte insistência de Ellen White. Por conseguinte, White pediu que John Burden, “fundador” do Hospital de Glendale, procurasse uma propriedade perto de *Redlands*. A história da aquisição da propriedade de *Loma Linda* e da fé extraordinária de homens como Burden, do testemunho de recursos que chegavam inesperadamente no momento em que mais deles se precisava, e de “homens e mulheres que hipotecaram suas casas e tomaram empréstimo a bancos, constam nos registros da história da Igreja Adventista do Sétimo dia”<sup>41</sup>. Haja vista, é notável a grande contribuição que White apresentou para a educação. Fez-se necessário abordar os contextos nos quais a outra estava inserida.

Com a aquisição da propriedade em *Loma Linda* para ser usada como sanatório e escola de preparo de enfermeiros, *Loma Linda* tornar-se-ia centro vital de educação da igreja. Ellen White apreendera isto muito além do que perceberam os seus associados. Era-lhes difícil compreender sua afirmação de que em 1906 “médicos seriam preparados ali”. Responderam, porém, ao seu apelo para que se criasse em *Loma Linda* um centro educacional. Então, abriram o Colégio de *Loma Linda* para Evangelistas. Não muito clara ao princípio quanto aos objetivos específicos da escola, eles prosseguiram, e logo se desenvolveu a ideia de um centro de preparo de obreiros médicos. Ao reunir-se em assembleia a Associação Geral em 1909, Ellen White pleiteou este empreendimento educacional em *Loma Linda*. Ao longo de toda a sua palestra ela deu ênfase ao lugar muito importante que a nova instituição ocuparia como centro educativo<sup>42</sup>.

No início de 1910, os líderes da igreja sem saber resolver algumas questões da instituição educativa em *Loma Linda*, pediram conselhos a Ellen White quanto a obra a ser desenvolvida em *Loma Linda*. Seu conselho foi que se desse início à educação médica, o que habilitaria os estudantes a fazer face aos exames requeridos pelo governo; e que a obra devia ser da mais alta qualidade. Apelou também no sentido de que a obra fosse conduzida de tal modo que jovens adventistas pudessem obter sua educação médica inteiramente dentro da própria

<sup>41</sup> ROBINSON, *Our Health Message*. Washington, end: Review and Herald, 1977. p. 363-413.

<sup>42</sup> WHITE, Ellen G. *Carta 139, 1904, Citada em Biography*. Loma Linda: Review and Herald, 1904. vol. 6, p. 16.

instituição. Isto se tornou a tônica e a palavra de ordem que conduziu ao estabelecimento do Colégio de Médicos Evangelistas. E a declaração da Sra. White de que a instituição em *Loma Linda* se tornaria líder no campo educacional dirigido pela igreja no Oeste, tem-se cumprido no desenvolvimento da Universidade de *Loma Linda*<sup>43</sup>.

### 1.5 Ambiente Escolar

Em 1872, Ellen G. White escreveu um livro para a educação adventista intitulado “A Devida Educação”<sup>44</sup>. Esse manual serviria de orientação para as escolas Adventistas. Durante muito tempo, a organização (Associação Geral dos Adventistas do sétimo Dia) guardou esse documento, pois ele tem sido usado há mais de cem anos nas escolas adventistas. Um dos seus conceitos importante sobre o ensino religioso era a ligação dos aspectos físicos, mentais, morais e espirituais<sup>45</sup>. White tinha por ideal uma escola no campo com oportunidade de trabalho tanto na indústria como na agricultura. Em relação ao currículo escolar deveria estar incluso os estudos sobre o ensino religioso. Diante desses conceitos estabelecidos pela autora foi que os líderes da organização Adventista planejaram estabelecer uma escola, compraram cinco hectares e meio em *Battle Creek Michigan*. A princípio, a planta da escola configurava-se em apenas um edifício com salas de aula e capela sem ter acomodações para os alunos. Mas mesmo assim, apelou aos pais para incluir os alunos na escola e falou também a respeito da data para a inauguração do colégio<sup>46</sup>. O contexto pelo qual a história da educação adventista está inserida tem que ver com os esforços e orientações de Ellen G. White. Em 1862 White percebeu a necessidade de pensar a educação para os adventistas, pois seus membros não acreditavam em uma escolarização secular. Tendo em vista a dificuldade de aceitação das crenças religiosas dos alunos adventistas que frequentavam a escola secular, alvo de zombaria e preconceito, emerge a necessidade de implantar escolas adventistas para que esses alunos pudessem ser educados e respeitados em conformidade com seus valores denominacionais<sup>47</sup>. White se doou bastante para

<sup>43</sup> WHITE, 2004, vol. 6, p. 18.

<sup>44</sup> WHITE, 1994, p. 414.

<sup>45</sup> WHITE, 1975, p.430.

<sup>46</sup> HERBERT E. Douglass. *Mensageira do Senhor*. São Paulo: Casa publicadora Brasileira, 2010. p. 354.

<sup>47</sup> SCHWARZ, RICHARD. 2009, p.116.

construir os pilares de uma educação cujos princípios fossem a bússola para a educação adventista. Existia o perigo por alguns membros de tentar construir colégios cristãos independentes. Em Battle Creek em 1856 alguns membros criaram escolas independentes, porém, não conseguiram ir avante e fecharam as escolas. O Historiador Knight explica que “Neste tempo a Igreja passava instrução religiosa para seus jovens pelas páginas do *Youth's Instructor* (Instrutor da Juventude) e por meio da escola sabatina com suas lições semanais”<sup>48</sup>. White e os demais organizadores do movimento adventista sentiam que a educação precisava de mais seriedade, e a partir de então começou a busca por uma educação de qualidade.

Em 1872 a denominação começou a considerar mais seriamente a necessidade de uma escola de qualidade – não tanto para crianças primárias, mas, para estudantes mais avançados que precisavam de preparo para difundir a mensagem adventista. A liderança da igreja resolveu inaugurar uma escola em Battle Creek sob o patrocínio financeiro da Associação Geral. Ela instruiria seus estudantes nos ensinamentos bíblicos referentes às grandes verdades relacionadas à este tempo e lhes forneceria a mensagem adventista. A escola de Battle Creek, a primeira a ser mantida pela denominação foi inaugurada em junho de 1872 com Bell lecionando para 12 estudantes. Em 1874 aquele pequeno começo transformou-se no Battle Creek College, tendo Sidney Brownsberger como diretor. O Battle Creek College foi uma importante instituição na história da educação adventista, não apenas por causa da sua posição pioneira, mas também pela grande atenção que recebeu em termos daquilo que uma escola adventista devia realizar<sup>49</sup>.

Aliada à necessidade dos alunos que careciam de uma educação que primasse pelos valores adventistas, se instalou também a propagação desses valores religiosos vinculados a práticas educacionais. A partir da percepção por parte de líderes e membros houve crescente desenvolvimento das escolas adventistas. Portanto, a filosofia adventista apareceu para oferecer um desenvolvimento moral para os filhos dos membros da Igreja.

A recente instituição fez razoável progresso. *Sidney Brownsberger* educador de *Michigan*, atuou com forte liderança; e *Goodloc Bell*, professor com experiência prestou acirrada contribuição na organização do programa escolar. Porém, esses educadores pioneiros não aprenderam tanto a importância do programa educacional estabelecido por White. Então, o currículo escolar consistia em grande parte em

---

<sup>48</sup> KNIGHT, 2010, p. 76.

<sup>49</sup> KNIGHT, 2010, p.76-77.

assuntos clássicos e nenhum ensino religioso regular era oferecido nos primeiros cinco anos. Nessa controvérsia, os conflitos se instalaram diante do cenário educacional descrito por White. Em 1881, *Alexandre Mclearn*, um educador renomado foi chamado para dirigir o colégio em lugar do professor *Brown Sberger*. A expectativa era que Alexandre apoiasse os princípios educacionais estabelecidos e obtivessem sucesso, mas, isso não aconteceu, uma vez que as críticas e confusões perduraram. Era notável da parte de alguns líderes certa obsessão por uma educação secular que contrariava a pedagogia de White. Dessa forma, a filosofia cristã da autora foi ameaçada por meio de críticas. Nesse ínterim, o colégio de *Battle Creek Michigan* foi fechado por um ano (1882-1883), e ao ser reaberto, continuou o seu trabalho por dezoito anos, porém, continuamente tolhido pelo campus restrito que tornava impossível promover os ideais expostos com ênfase na pedagogia cristã.

Os primeiros anos do colégio de *Battle Creek Michigan* foram turbulentos, os professores, bem como os administradores pareciam não saber programar determinados temas-chaves. Entre eles achavam-se as questões: como incluir um programa de trabalho no currículo escolar, como tornar o currículo voltado para o ensino religioso, como estruturar o currículo com matérias práticas, eliminando os estudos clássicos como a disciplina principal. O desejo de White era ver uma educação onde o indivíduo pudesse desenvolver seu potencial, não por desejo de aquiescer ou obedecer, mas porque se sente engajado e comprometido com a sociedade. Alguns anos depois, ela escreveu como deveria ser o olhar crítico da educação Adventista a respeito do conhecimento científico e literário:

A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisição literária, mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter. O mundo não necessita tanto de homens de grandes intelectos, como de nobre caráter; necessita de homens cuja habilidade seja dirigida por princípios firmes<sup>50</sup>.

Finalmente, o momento decisivo no desenvolvimento da pedagogia whiteana chegou à convenção educacional realizada em 1891 em *Harbos Springs, Michigan*. Além de pelo menos seis apresentações, White releu também seu depoimento de

---

<sup>50</sup> WHITE, 1968, p. 225.

1872 sobre “A devida Educação”. Enfatizaram suas ideias anteriores referentes à eliminação de professores que não estavam dispostos a seguir a filosofia adotada por White nos currículos e os cursos também de estudos clássicos greco-latinos. Após o encontro educacional de *Harbos Springs*, White escreveu seis artigos na revista da instituição adventista reforçando a firme atitude que ela havia adotado na reunião. Contudo, a batalha concernente ao currículo estava mudando a favor dela, depois de muitos percalços, mas, ainda assim, a reforma educacional que consistia em modificar os padrões da educação clássica convencionais foi motivo de muitas controvérsias. Nesta perspectiva, a reforma educacional avança com novos desafios, sendo possível estabelecer “A devida educação” em outras instituições educacionais adventista em outros países.

Em março de 1873, a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia gastou um bom tempo considerando se era próprio ou não arrecadar fundos para a construção de edifícios adequados para uma escola denominacional que pudesse preparar jovens para os diversos campos. Havendo a decisão sobre o assunto sido favorável, uma comissão foi nomeada para se responsabilizar pela arrecadação dos recursos necessários. Naquela época, de tempos em tempos, importantes artigos sobre o tema apareceram na *Review*, escritos pelos irmãos *Butler*, *White* e outros, e uma grande soma de dinheiro foi levantada para o projeto da escola, como resultado dos esforços dos irmãos *Butler* e *Haskell* nas diversas reuniões campais. Outra assembleia da Associação Geral foi realizada em 16 novembro de 1873. Ali foi relatado que 52 mil dólares já haviam sido arrecadados para o Fundo Educacional Adventista do Sétimo Dia, a ser utilizado para a compra do terreno e construção de edifícios adequados na próxima estação apropriada para construção. Na mesma sessão, uma comissão de sete pessoas foi escolhida, por voto, para formar uma Sociedade Educacional e procurar um local para os edifícios<sup>51</sup>.

Nesse sentido, uma vez as escolas prontas, teria um currículo a ser seguido. Os estudantes que decidissem estudar em uma destas instituições poderiam ter de quatro a vinte um ano de idade. Após a escola primária básica (quatro anos de estudo), o estudante entrava para a escola primária superior (quatro anos de estudo) conhecida como *grammar school*, após um exame público. Porém, a educação

---

<sup>51</sup> J.N.Loughborough. *O grande movimento adventista*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2014.p.331.

gratuita para as meninas acabava na escola primária superior, já os meninos podiam avançar na escola secundária (quatro anos de estudo) que se especializava no ensino avançado do inglês, “depois de ser aprovado em outro exame público”<sup>52</sup>.

## 1.6 Ambiente social

O ambiente social dessa época configurava em um ambiente visivelmente dinâmico em que os mais diversos temas eram apresentados em palestras. Milhões de pessoas eram atraídas para ouvir temas como a escravatura, não violência, reforma agrária, perfeccionismo, mesmerismo (hipnotismo) pão integral e todos os aspectos da saúde. Publicações referentes aos mais variados temas inundavam o mercado. Os jovens dos Estados Unidos sofriam muitos preconceitos no ambiente em que vivia. Na época White escreveu o seguinte documento:

Dentro da estrutura da história norte-americana, o período mais decisivo quanto às relações raciais foi provavelmente o século dezanove. As questões raciais eram manchetes nos jornais sempre que norte-americanos brancos adotavam um ponto de vista de conflito ou concessão para com grupos étnicos como os negros, os nativos norte-americanos (índios), os hispânicos, os orientais e os europeus. Em cada choque a maioria caucasiana tinha que enfrentar seus próprios temores em relação aos grupos minoritários e os preconceitos que alimentavam contra eles. Muitas vezes o preconceito puro e cego ditava a maneira como as minorias deviam ser tratadas até que maior contato modificasse os pontos de vista mais extremos [...] <sup>53</sup>.

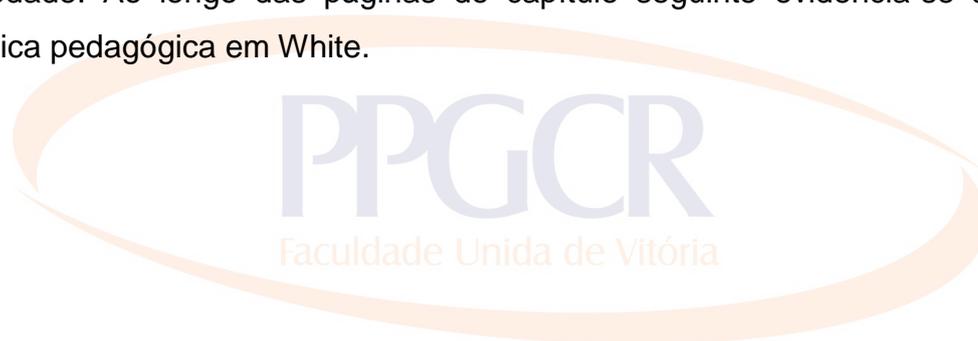
O consumo de bebidas alcóolicas era também uma preocupação nacional. “Perto de 1839, a sociedade Norte Americana de temperança, por meio de suas mais de 8,000 sociedades locais havia convencido 350.000 pessoas a assinar um voto de abstinência total”<sup>54</sup>. No entanto, a última metade da missão de White no que diz respeito à filosofia da educação cristã coincidiu com o surgimento das cidades industrializadas e urbanizadas, e para a maioria dos protestantes a cidade era símbolo de tudo quanto não prestava um mundo impregnado de aguardente. Contudo, o ministério da autora White ocorreu paralelamente a uma época marcada por rápidas e grandes mudanças sociais. Ellen White escreveu muito sobre os difíceis anos da guerra civil e o estado dos escravos, o impacto do êxodo rural, as

<sup>52</sup> FREDERICO HOYT, *De Ellen White Cidade natal*. Portland: Review, 1987. p.14, 15, 30, 31.

<sup>53</sup> THOMAS, Low Nichols. *Quarenta anos de vida americana*. New York: Review, 1937. p. 208.

<sup>54</sup> JEROME, L. Clark. “A cruzada contra o álcool”, em *terra The World of Ellen G. White*. New York: Review and Herald, 1938. p.131.

implicações óbvias do consumo exagerado de álcool, bem como sobre a luta de classe entre ricos e pobres. As denominações dos Estados Unidos, além de desenvolver um trabalho de missões também estavam envolvidas nas atividades política e social, as igrejas se mobilizavam por meio de campanhas contra o consumo de bebidas alcoólicas. A sociedade passava por momento de expansão, crescimento econômico, consequência do aumento rápidos das cidades da época. Outro fator que ocorreu neste contexto foi o aumento de imigrantes junto com outros povos que não tinham como desfrutar das riquezas daquelas cidades, pois eram pobres. O novo cenário urbano se desenvolveu de forma tão intensa que a população passou a ter acesso à educação superior e o relacionamento constante com pessoas de diferentes grupos. Essa mudança de cunho social foi benéfica, pois surgiram vários homens intelectuais que contribuíram por várias mudanças na sociedade. Ao longo das páginas do capítulo seguinte evidencia-se a dimensão didática pedagógica em White.



## 2 DIMENSÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NOS ESCRITOS DE ELLEN G. WHITE

Normalmente, a pedagogia tem apresentado alguns elementos considerados básicos no processo ensino- aprendizagem, ou seja, a questão dos objetivos, do professor, do aluno, do método e da avaliação. Nessa perspectiva serão tratados e avaliados ordenadamente esses elementos: escola, professor, aluno, metodologia e avaliação.

### 2.1 A Escola

A escola é apenas um dos agentes sociais para a aprendizagem, educação e treinamento. A família, mídia, grupo de amigos e a igreja são algumas das outras instituições que dividem esta responsabilidade. Na verdade, a escola pode até ser vista com uma parceria menor no processo educacional, tendo a família e a mídia atuando nos papéis principais na vida da maioria das crianças. Mas, para ter uma aprendizagem nesse nível é preciso um ambiente apropriado. White aconselha sobre a localização dos prédios escolar: “na medida do possível, todas as escolas deveriam situar-se aonde a vista possa repousar sobre as coisas da natureza, em vez de sobre um grupo de casa”<sup>55</sup>. Ela explica que a natureza é um “mestre vivo”. Que ensina constantemente. Além disso, ela amplia esse conceito ao destacar os benefícios que os alunos e professores têm ao trabalharem com terra:

Seria de grande auxílio na obra educativa se cada escola pudesse ser localizada de tal maneira que proporcionasse aos estudantes a terra para cultura e acesso ao campo e matas. Para os fins de recreio aos estudantes, os melhores resultados se alcançarão pela cooperação pessoal do professor. O verdadeiro professor pode comunicar a seus discípulos poucos benefícios tão valiosos como o de sua própria companhia.<sup>56</sup>

Além do trabalho conjunto de mestres e alunos com terra e agricultura, White chama a atenção para a educação industrial nas escolas. O ensino manual merece muito mais atenção do que tem recebido “[...]. Deve-se ministrar instrução em agricultura, manufaturas [...]”<sup>57</sup>. Para ela, todo jovem ao deixar a escola deve ter adquirido conhecimento em algum ofício. Cabe uma crítica a White quando ela fala de uma educação industrial, penso, sobretudo, que no passado o método do ensino

<sup>55</sup> WHITE, 1975, p.342.

<sup>56</sup> WHITE, 1968, p. 212.

<sup>57</sup> WHITE, 1968, p. 218.

indústria funcionava de modo legal, mas hoje é impossível usar essa metodologia, pois o governo vetou essa espécie de trabalho nos internatos adventistas.

Lembra ainda, que as escolas devem unir o aspecto teórico com o prático nos estudos efetuados. A tirada principalmente dos livros conduz a uma maneira superficial de pensar. O trabalho prático provoca a observação minuciosa e o pensamento independente. E não apenas isso. Mas também: efetuado convenientemente, tende a desenvolver aquela sabedoria prática e a que chamamos senso comum. “Desenvolve a habilidade para planejar e executar, fortalecer o ânimo e a perseverança, e exige o exercício do tato e da destreza”<sup>58</sup>. Ou seja, bom senso como resultado moral de efetuar algo útil. Valores humanos na mais elevada acepção.

A socialização é outro aspecto que ela lembra ao mencionar que “aos alunos devem ser ensinados que não são átomos independentes, mas que cada um é fio que se deve unir a outros fios na composição de um tecido”<sup>59</sup>. E nos parágrafos seguintes, ela descreve o que entende por socialização: o cultivo de traços e hábitos de bondade, companheirismo, interesse e empatia mútua. Aliás a disciplina e a ordem também são lembradas, pois.

Em toda escola deve haver os que tenham uma reserva de paciência, e talento disciplinar, e cuide que cada rama de trabalho seja mantida na mais elevada norma. Devem dar-se lições de asseio, ordem e perfeição. Ensine-se aos estudantes como conservar em perfeita ordem tudo na escola em redor dela<sup>60</sup>.

A coerência de princípios almejados e praticados é um alvo a ser perseguido, pois a escola deve se recomendar por si mesma. “Então os que a apoiam não ficarão decepcionados, e os estudantes não alegarão que lhes foi prometida instrução em certos estudos, que depois de entrarem na escola, não lhes foi permitido empreender”<sup>61</sup>. Em outros momentos, White se detém a analisar aspectos da estrutura física e material da escola. Na construção dos,

Edifícios escolares, em seu mobiliário, bem como em todo aspectos de sua direção, compre exercer-se a mais estrita economia. Nossas escolas não devem ser manejadas segundo qualquer plano estreito ou egoísta. Devem assemelhar-se o mais possível a um lar e ensinar em todos os aspectos lições corretas de simplicidade, utilidade, economia e parcimônia<sup>62</sup>.

<sup>58</sup> WHITE, 1968, p. 220.

<sup>59</sup> WHITE, 1994, p. 280.

<sup>60</sup> WHITE, 1994, p. 211.

<sup>61</sup> WHITE, 1994, p. 206.

<sup>62</sup> WHITE, 1975. p. 186.

Ao se referir à escola, White não se prende a questão de engenharia Civil ou Arquitetura. É sempre "prédio vivo", pulsando com as práticas educacionais cotidianas, envolvendo toda a família escolar, num processo e numa atividade não apenas de instrução, mas de formação do homem com ser completo integrante do mundo e com ele relacionado. E, pela formação do caráter, a busca da perfeição restaurada. White é incisiva que:

As escolas estabelecidas entre nós são assunto de grave responsabilidade, pois envolvem importantes interesses. Em sentido especial, nossas escolas são um espetáculo aos anjos e homens. Há poder no conhecimento de ciência de toda espécie, e é desígnio de Deus que a ciência avançada seja ensinada em nossas escolas como preparação para a obra que há de proceder a às cenas finais da historia terrestre<sup>63</sup>.

Ellen White fala sempre em escola para a comunidade. Ela especifica alguns tipos de cuidados que se deveria ter ao localizar e erigir o prédio da escola: fora das cidades, com conforto, mas também como economia. Além disso, convida mestres e alunos a saírem das salas de aula para usufruir dos benefícios de um contato maior com a natureza. Diz ainda, acerca da importância do convívio mutuamente respeitoso e amigável que resulta no enriquecimento didático-pedagógico. Além disso, White incentiva os jovens na busca do aperfeiçoamento nas ciências avançadas para o desenvolvimento de uma ação maior.

## 2.2 O Professor

Conforme a pedagogia whiteana o professor tem uma grande responsabilidade frente a uma sala de aula "Ao professor é confiado importantíssima obra para a qual ele não deve entrar sem cuidadoso e completo preparo. Cumpra-lhe sentir o valor de sua vocação, e a ele entregar-se com zelo e dedicação"<sup>64</sup>. Pelos dois pensamentos acima, já é possível perceber a importância que White reserva à figura do professor. Ela é minuciosa ao descrever os atributos desejáveis aos que encaram as salas de aula e o processo educativo:

Ninguém que lida com jovens deve ser de coração duro, e sim afetuoso, terno, compassivo, cortês, cativante e sociável; deve saber, no entanto, que

---

<sup>63</sup> WHITE, 1975, p.186.

<sup>64</sup> WHITE, 1994, p. 229.

precisam ser feitas repreensões, sendo até mesmo necessário proferir graves censuras para eliminar algum mau procedimento<sup>65</sup>.

Nas citações acima, percebe-se a relevância que White atribui a representação do professor. Ela é meticulosa ao referir as características esperáveis aos que enfrentam as salas de aulas e a arte de educar. O professor deve expressar humor positivo e não humor negativo e para que isso ocorra o professor deve ser um profissional competente e eficaz, buscando o aprimoramento constante de sua prática pedagógica. Nesse sentido, não simplesmente dar aulas. Educar é transformar o indivíduo em uma personalidade. E para a filosofia whiteana de educação, o educando é considerado num todo, pois a pessoa inteira é importante. Por esta razão, o professor ensina para transformar a sociedade.

Essa maneira de educar só é possível se o professor manifestar a disposição de estar com o aluno, oferecer-lhe a sua companhia em classe e fora dela. A aula transmite os conhecimentos científicos; o estar juntos transmite bondade, zelo, simpatia e preocupação com o bem-estar físico e espiritual do aluno. Uma disposição assim não transmitirá ao professor contentar-se com um trabalho superficial ou alimentar pensamentos confusos, espírito indolente e memória não cativada. Tato, habilidade, paciência e firmeza será consequência visível do professor que aprendeu a governar-se a si mesmo. Isso fica visível na citação seguinte onde White aborda uma questão altamente interessante e profunda, a qual se poderia classificar de “a pedagogia do silêncio”. Diz ela:

Quando um pai ou professor se torna impaciente e está em perigo de falar imprudentemente, fique em silêncio. Há um maravilhoso poder no silêncio [...]. O professor deve esperar encontro disposição perversa e corações rebeldes. Mas ao tratar com eles nunca deve se esquecer de que ele mesmo foi criança, necessitando de disciplina. Mesmo agora, com todas as vantagens da idade, educação e experiência, muitas vezes erra, e necessita de misericórdia e perdão. Tratando com os jovens, deve ter em vista que está a tratar com os que têm inclinação para o mal idêntica à sua própria. Com o aluno obtuso deve conduzir-se pacientemente, não censurando sua ignorância, mas aproveitando toda a oportunidade para animá-los. Com alunos sensíveis e nervosos, deve tratar muito brandamente. O senso de suas próprias imperfeições deve levá-lo constantemente a manifestar simpatia e clemência para os que também estão lutando com dificuldades<sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> WHITE, 1975, p. 457.

<sup>66</sup> WHITE, 1968, p.292.

Para o bem do aluno e do professor tem que haver cooperação em ambos os lados. O professor pode promover inúmeras estratégias para alcançar o aluno que por ventura esteja enfrentando algum problema. A primeira dela é a oportunidade que se deve dar ao aluno para que ele vivencie a sala de aula em toda a sua intensidade. O aluno deve sentir que ele é muito importante em todos os aspectos na escola. Em realidade, ele precisa sentir que é parte integrante em todo contexto de aprendizagem. E isto deve acontecer não somente na sala de aula, mas também no intervalo, na rua, na quadra de esporte e, por extensão em casa. Essa é uma forma muito interessante que pode ser bem aplicada pelos professores em auxiliar o seu aluno a enfrentar seus desafios. Assim, ajudará na socialização e conquistará o coração dos alunos. Um professor na visão whiteana deve,

Ter uma educação mais compreensiva do que pode obter pelo o estudo dos livros deve possuir não somente forças, mas também largueza de espírito; deve não só ser dotado de uma alma sã, mas também de um coração grande. [...] Ordem, perfeição, pontualidade, governo de si mesmo, temperamento jovial, uniformidade de disposição, sacrifício próprio, integridade e cortesia são requisito essenciais<sup>67</sup>.

Uma conclusão desse pensamento é que a formação acadêmica e profissional do professor é tão importante quanto à qualidade do serviço que executa e as normas que observa em sua vida diária, bem como sua conduta na escola. A dignidade moral nos relacionamentos sociais e profissionais, a posição firme e isenta de dúvida em questões tão atual como o aborto, os métodos contraceptivos, a sustentabilidade, as drogas, e eutanásia, entre outros, indicarão os seus alunos a sua firmeza de princípios. Os valores a serem apresentados pelo seu exemplo e pelos seus preceitos testemunharão que é possível ser culto e cristão simultaneamente, um bom profissional e um bom filho, ao mesmo tempo. E isso não passará despercebido pelos seus alunos e famílias, em classe ou fora dela, bem como pelos seus pais e professores.

Unindo-se o que White menciona sobre o professor, ter-se-ia o perfil acadêmico do docente de uma instituição religiosa. Ela acrescenta conselhos e vai como que estruturando todo um código de conduta a ser seguido. Vejamos a força que emana das citações a seguir:

O verdadeiro professor não se contenta com pensamentos obtusos, espírito indolente ou memória inculta. Procura constantemente consecuições mais elevadas e melhores métodos. Sua vida é de continuo crescimento. No

---

<sup>67</sup> WHITE, 1968, p.276.

trabalho de um professor nessas condições, há uma frescura e um poder vivificador que despertam e inspiram seus alunos. O professor que nisso se empenha não terá a impressão que seu trabalho está completo ao terminar a rotina diária das lições dadas. Ele levará essas crianças e esses jovens em seu coração. [...] Não poupará esforços a fim de atingir a mais elevada norma de excelência. Tudo que deseja que seu discípulo se torne, ele mesmo se esforçará por ser<sup>68</sup>.

White lembra que o educador deve buscar de forma permanente aperfeiçoar-se, atualizar seus conhecimentos e aprender enquanto ensina. Pois o professor deve ser alguém que seja apto a ensinar, deve crescer em conhecimento enquanto transmite instrução<sup>69</sup>. Tornar-se competente é a tarefa de todos os professores essa prerrogativa significa não se contentar com o que sabe, mas buscar sempre novos ideais, descortinar novos horizontes para seus alunos. A competência implica em fazer muito bem feito o que precisa ser feito, buscando o aprimoramento e o crescimento constante. Significa mais do que simplesmente alcançar êxito na área profissional, envolve outras áreas da vida: emocional, social, mental e espiritual. Outro aspecto que White ressalta é que se refere à disciplina estudantil. Vejamos:

O educador prudente, ao tratar com seus discípulos, procurará promover a confiança e fortalecer o sentimento de honra. As crianças e jovens são beneficiados se se deposita neles confiança. Muitos, mesmo dentre os pequeninos, têm um elevado senso de honra; todos desejam ser tratados com confiança e respeito, e eles têm direito a isto. [...] Leve os jovens a sentir que eles merecem confiança, e poucos haverá que não procurarão mostrarem-se dignos dessa confiança. Sob o mesmo princípio é melhor pedir do que ordenar; aquele a quem assim nos dirigimos tem oportunidade de se mostrar leal aos princípios retos. Sua obediência é o resultado da escolha em vez de o ser da coação. As regras que governam a sala de aulas devem quanto possível representar a voz da escola [...] <sup>70</sup>.

Há que se ressaltar a preocupação da autora nessas citações, e que nota ao longo dos escritos de White: a disciplina a ser buscada é aquela que vem de dentro para a autodisciplina, o autogoverno. Quanto a isso, os esforços docentes devem objetivar o domínio próprio, a lucidez e a clareza no pensar. White dá ênfase à questão do exemplo e da coerência entre o discurso e a prática, lembrando que o mestre deve educar por “preceito e exemplo”. O professor precisa ser amigo dos estudantes, demonstrar preocupação, estar sempre acompanhando dentro e fora da sala de aula essa ação é de suma importância. O professor precisa estar motivado para dar aulas não somente teórica, mas também na prática. O professor, na

<sup>68</sup> WHITE, 1968, p. 278, 279, 281.

<sup>69</sup> WHITE, 1994, p. 369.

<sup>70</sup> WHITE, 1968, p. 289, 290.

filosofia de White tem que mostrar todos os benefícios da natureza para que o aluno possa desfrutar e aprender por meio dela:

Entusiastas e impressionáveis por natureza são prontos a corresponder à sugestão. Fazendo planos para a cultura de plantas, procure o professor despertar interesse no embelezamento dos terrenos da escola e da sala de aula. Um duplo benefício resultará. Aquilo que os discípulos procuram embelezar, não quererá que fique maculado ou destruído. Incentivar-se-ão gosto apurado, amor à ordem, hábitos de cuidado; e o espírito de associação e cooperação, desenvolvido, demonstrar-se-á aos alunos uma bênção por toda a vida<sup>71</sup>.

### 2.3 O Aluno

A autora White apresentava um extremo cuidado pelos jovens e crianças. Zelava pelo êxito do estudante aos jovens precisa ser ensinado que a vida significa trabalho diligente, responsabilidade e cuidado<sup>72</sup>. Preparar um aluno para a sociedade requereria sábias responsabilidades que necessitavam serem alcançadas das mais perfeitas maneiras imagináveis. Buscou inspirá-los a fim de alcançarem alto nível de caráter e instrução no sentido de aplicar suas vidas ao emprego da beneficência. White exalta a dignidade do trabalho e critica a ideia dos jovens quererem ser advogados, médicos e comerciantes, na tentativa de fugir do trabalho físico<sup>73</sup>. A preocupação da autora com relação à atividade física dos alunos é para que no futuro não tenham problemas com a saúde. Uma vez que ela sempre frisou sobre a negligência do exercício físico, alimentar-se erradamente e trabalho excessivo.

Deve ensinar-se- lhes que a disciplina do trabalho sistemático, bem regulado, é essencial, não unicamente como salvaguarda contra as dificuldades da vida, mas também como auxílio para o desenvolvimento completo. As moças fogem do trabalho doméstico, e procuram uma educação em outros ramos. Necessitam aprender que nenhum homem ou mulher se degrada pelo trabalho honesto<sup>74</sup>.

Devem ser estudados os princípios de higiene, noções de fisiologia, o funcionamento dos diversos mecanismos do corpo, bons hábitos de postura, de

<sup>71</sup> WHITE, 1968, p. 212.

<sup>72</sup> WHITE, 1968, p. 215.

<sup>73</sup> WHITE, 1975, p. 43.

<sup>74</sup> WHITE, 1968, p. 215.

asseio e educação manual. Tudo isso precisa ser desenvolvido. O aluno deve aprender o valor do trabalho útil e desinteressado. Também precisa está consciente dos benefícios e dos exercícios da luz solar, do ar puro, da água, dos hábitos alimentares corretos, da abstenção do álcool, fumo e de outras drogas. Devem aprender que a verdadeira ecologia começa em seu próprio corpo. O aluno na concepção de White deve ter a seguinte compreensão:

Desde que o espírito e a alma encontram expressão mediante o corpo, tanto a vigor mental como o espiritual dependem em grande parte da força e atividade física. O que quer que promova a saúde física promoverá o desenvolvimento de um espírito robusto e um caráter bem-equilibrado. Sem saúde ninguém pode compreender distintamente suas obrigações, ou completamente cumpri-las para consigo mesmo, seus semelhantes ou seu Criador. Portanto, a saúde deve ser tão fielmente conservada como o caráter<sup>75</sup>.

Outra lição a ser desenvolvida e que nos remete a Sócrates é que “grande conhecimento é conhecer-se a si mesmo”<sup>76</sup>. “O verdadeiro conhecimento de si próprio induz a uma humildade que abrirá o caminho para que o mestre desenvolva o espírito, molde e discipline o caráter”<sup>77</sup>. A consequência natural de uma aprendizagem assim é que um aluno reconhecerá que a ciência, literatura e as artes em geral só terão sua razão de ser se estiverem em harmonia com o desenvolver do caráter do aluno. Sócrates advertia seus discípulos a se autoconhecerem, porque somente assim as pessoas sairiam da caverna, das trevas de seus espíritos para alcançarem a luz, a verdade e a felicidade. “Cada um deve decidir não ser um aluno de segunda categoria, nem deixar que o pensem por ele”<sup>78</sup>. White como que numa tentativa didática de ser abrangente, discorre sobre o desenvolvimento e educação de várias dimensões do aluno: física, mental, moral e espiritual. Para cada uma dessas dimensões ela apresenta lembranças, diretrizes, conselhos, não permitindo em nenhum momento que o leitor esqueça que o aluno é uma unidade integral, e que o processo educativo deve ser equilibrado e harmônico para atingi-lo em todas essas dimensões.

---

<sup>75</sup> WHITE, 1968, p.195.

<sup>76</sup> WHITE, 1975, p. 525.

<sup>77</sup> WHITE, 1994, p. 419.

<sup>78</sup> WHITE, 1994, p. 499.

## 2.4 A Metodologia

Atendimentos e respeito às diferenças individuais, encarar o ser humano de forma integral e possibilidade, antevendo o que cada um poderá vir a ser, esperança, amor confiança e fé em cada estudante, esses são os primeiros pilares metodológicos e categóricos que White estabelece para a ação docente. E, coerentemente com outras de suas ideias, ela se volta para o valor educativo da natureza ao lembrar que:

Tanto quanto possível, seja a criança, desde os mais tenros anos, colocada onde esse maravilhoso manual possa abrir-se diante dela. Que possa ela contemplar as cenas gloriosas desenhadas pelo Artista-Mestre sobre a tela mutável dos Céus; que se familiarize com as maravilhas da terra e do mar; que observe os mistérios que se vão revelando nas estações em contínua sucessão, e em todas as Suas obras aprenda acerca do Criador. De nenhuma outra maneira poderá o fundamento de uma verdadeira educação ser lançado tão firmemente, tão seguramente<sup>79</sup>.

Uma metodologia que leva isso em consideração procurará colocar os alunos fora das salas de aulas, em visitas planejadas e produtivas a parques, praças, reservas florestal, fazendas, hortas, pomares, zoológicos, estações botânicas, planetários, ao mesmo tempo, procurará trazer para a sala de aula a própria natureza na forma de vasos, plantas, hortas escolares, jardim, aquários, viveiro, sementeiras, carpotecas e os recursos semelhantes e criativos.

Notam-se também em White outros princípios metodológicos – preocupação social. Declaram que a grande lei da vida é a lei do serviço em prol de outrem<sup>80</sup>. E ela enfatiza mais, ilustrando essa ideia com o serviço que a natureza empresta ao homem:

[...] a lei do serviço está escrita sobre todas as coisas na natureza. Os pássaros do ar, as bestas do campo, as árvores da floresta, as folhas, as flores, o Sol no céu e as estrelas luzentes, tudo tem seu ministério. O lago e o oceano, o rio e as fontes, cada um tira para dar. À medida que todas as coisas assim contribuem para a vida do mundo, também garantem a sua própria. [...] <sup>81</sup>.

Analisando “Ensino da natureza”, percebe-se que a autora fala em planetas, estrelas, átomos, orvalho, espinhos sementes trigos, colheita, arco-íris, palmeiras,

<sup>79</sup> WHITE, 1968, p. 100.

<sup>80</sup> WHITE, 1968, p.101, 102.

<sup>81</sup> WHITE, 1968, p.103, 104.

raízes, rios, formigas, animais, pássaros, águias, fontes, nuvens, plantas aquáticas, mares, cerração, neblina, apontando o efeito educativo de cada fenômeno e de cada elemento da natureza. “Enquanto as crianças e jovens obtêm conhecimentos dos fatos por meio de professores e livros devem de si mesmo tirar lições”<sup>82</sup>. A metodologia do professor não deveria ficar somente na sala de aula, mas que fosse demonstrada nas pequenas coisas fora dela. O aluno ao contemplar a beleza da natureza possa achar alguém que o explique tais fenômenos. White, “nos seus trabalhos de jardinagem, interrogai-os sobre o que aprendem com os cuidados das suas plantas, paisagem e adaptação de todas as coisas para a nossa necessidade e felicidade”<sup>83</sup>.

É extremamente interessante se levarmos em consideração a época em que White escreveu (final do século XIX), é o seu não conformismo com a excessiva ênfase que o ensino dava ao papel da memória na aprendizagem. O método de Joseph Lancaster (1778-1838) evidencia a prática de ensino que White refutava, pois Lancaster usava o método do ensino oral e da memorização<sup>84</sup>. Em harmonia com White, Bittencourt Circe afirma que “as lembranças de muitos alunos da história escolares produzido no século XIX indica o predomínio do método de ensino voltado para a memorização”<sup>85</sup>. Durante séculos a educação tem dado especial ênfase à memória. Essa faculdade foi sobrecarregando ao extremo, enquanto outras faculdades mentais não foram desenvolvidas de maneira correspondente<sup>86</sup>. E ela apresenta a consequência do uso exagerado da memorização:

A educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de desencorajar o pensamento independente, tem uma influência moral que é pouco tomada em conta. Ao sacrificar o estudante a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e cai fácil presa do engano. É facilmente levado a seguir a tradição e o costume<sup>87</sup>.

Objetivo claro, planejamento eficiente, que envolva as faculdades mentais, é mais satisfatórias que a simples memorização. Aliás, White enfatiza reiteradas vezes a questão do desenvolvimento maximizado de todas as potencialidades,

<sup>82</sup> WHITE, 1968, p.103, 104.

<sup>83</sup> WHITE, 1968, p.119.

<sup>84</sup> ELLIS, C.C. *Lancasterian Schools in Philadelphia*. Washington: Review and Herald, 1907. p. 43.

<sup>85</sup> BITTENCOURT, Circe. *Ensino de história: fundamento e método*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 67.

<sup>86</sup> WHITE, 1968. p. 230.

<sup>87</sup> WHITE, 1968, p. 231.

tanto para aluno como para professores. Não há nos seus escritos nenhuma instrução específica sobre escolas pedagógicas, mas ela deixa bem clara a necessidade e a importância de uma mente autônoma, inteligente e experiente. Cada professor deve fazer o seu melhor no uso de suas potencialidades mentais e não se apegando a um método único e acabado. Ela ainda faz a ressalva de que se deve evitar a “imitação” de métodos usados como sucesso por outros professores. É de se indagar o porquê dessa ressalva. Seria para evitar imitar imitações vazias de sentido e significado? Para estimular os professores a criar e não a copiar? Para cada um desenvolver seu próprio estilo e método de ensinar? Para estimular o crescimento intelectual e profissional individual? Toda essa hipótese nos parece válidas ao professor em cada época histórica, em cada contexto cultural, social e econômica, deve encontrar a sua maneira de agir.

Lembra que White não se conforma com o tradicionalismo que regia a ação educativa de sua época. “[...] em nossas obras educativas não devemos seguir os métodos adotados em nossas escolas antigas. Há entre os (adventistas) muitos apego a velhos costumes [...]”<sup>88</sup>. Há aqui uma relativa abertura ao novo, à modernidade, à experimentação de novas práticas pedagógicas. Considerando o contexto histórico e religioso conservador em que White vivia, tal declaração não deixa de surpreender.

## 2.5 A Avaliação

Avaliação da aprendizagem é um aspecto do processo educativo que não escapou das preocupações de White enquanto escritora de assuntos educacionais. Já na sua época, ela não concordava com o rígido sistema de notas que não leva em conta o real desenvolvimento do aluno em consonância com as diferenças individuais e níveis diferentes de maturidades. Tendo em vista uma constante queixa dos educadores a respeito dessa avaliação, surge à necessidade de uma reavaliação no sistema de notas, para muitos educadores o sistema de notas não avalia como deveria ser. É prática comum avaliar-se apenas o aluno, o que significa um foco equivocado no objeto da avaliação, dada que impossibilita a percepção do problema na sua totalidade. Assim, por exemplo, podemos

---

<sup>88</sup> WHITE, 1994, p. 533.

questionar: avaliar só o aluno ou também o plano de ação do professor? Trata-se de dois níveis de avaliação: uma coisa é saber até que ponto aquele aluno está dominando satisfatoriamente determinado conteúdo, e outra é saber se o tipo de prática que está tendo em sala, está favorecendo a aprendizagem adequada. Para expor a crítica ao modelo de avaliação de notas, White esclarece que:

O sistema de avaliação é, por vezes, um entrave ao real progresso do aluno. Alguns são tardos, a princípio, e o seu professor precisa de grande paciência. Podem, todavia, pois de pouco tempo, aprender tão rapidamente que surpreenda o mestre. Outro talvez pareça muito inteligente, mas o tempo virá demonstrar que desabrocharam demasiado rápido. Não é sábio o sistema de limitar rigidamente as crianças a nota<sup>89</sup>.

Para White, a avaliação deve considerar todas as outras estaturas e não apenas o aprendizado dentro das salas de aula. Trata-se de uma visão integral do educando. Essa avaliação de virtudes, de princípios e de caráter é algo ainda a ser praticado pela Educação. Esse é um desafio para a educação adventista. Pelo que se vê a preocupação de White está com o professor, ele deve saber o desenvolvimento geral do aluno, o professor tem que avaliar “desde o momento que ele entrar na fila”, no entanto, considerando a necessidade de atribuir nota, esta deveria vir das atividades objetivas do aluno. Nesse sentido, considera que não cabe ao professor querer através da nota avaliar a “capacidade”<sup>90</sup>. Naturalmente, White sugeriu que a educação adventista adotasse esse método, mas, sem muito sucesso, pois ainda existe um pouco de resistência nas instituições de ensino adventista. White reconheceu que muitos jovens estavam aterrando seus talentos por negligencia ou falta de preparo por parte dos professores,

Muitos jovens que aparentemente nada prometem, é ricamente dotado de talentos que não aplicam a uso algum. Suas faculdades permanecem ocultas por causa da falta de discernimento por parte de seus educadores. Em muito menino ou menina de aparência tão pouco atraente como a pedra não lavrada, pode-se encontrar precioso material que resista à prova do calor, tempestade e pressão. O verdadeiro educador, conservando em vista aquilo que seus discípulos podem tornar-se, reconhecerá o valor do material com que trabalha. Terá um interesse pessoal em cada um de seus alunos, e procurará desenvolver todas as suas faculdades<sup>91</sup>.

<sup>89</sup> WHITE, 1994, p. 177.

<sup>90</sup> VASCONCELO, Celson Santos. *Avaliação da aprendizagem: prática de mudança*. São Paulo: Libertad, 1998. p. 44,35.

<sup>91</sup> WHITE, 1968, p. 232.

Para ela, a educação é um processo permanente e tal característica deve estar presente na avaliação. A educação é focada como um processo que deve perdurar durante toda a existência possível do homem. Esse conceito alarga sobremaneira a dimensão temporal do processo educativo e minimiza a questão avaliadora ao final de determinado período escolar. Uma análise a priori de outros elementos didáticos e metodológicos seria interessante e revelaria novas concepções a ser praticadas posteriormente nas salas de aula. Ao longo das páginas do capítulo seguinte será abordado o avanço histórico da educação whiteana no Brasil.



### 3 A PEDAGOGIA WHITEANA E O AVANÇO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

#### 3.1 O Percurso do Colégio Curitibano

Este capítulo pretende indicar o avanço histórico da educação whiteana no Brasil. A entrada da educação adventista no Brasil se deu por meio do trabalho dos pioneiros americanos no País, após a efetivação na Europa imigraram para as terras brasileiras com o intuito de alavancar o trabalho, outrora, realizado nos Estados Unidos. No Brasil, diante da entrada da instituição Adventista que se encontrava vinculada ao protestantismo missionário, ao se deparar com as condições internas do país, assim como o momento histórico que se encontrava, Hosokawa explica como foi a chegada da Instituição Adventista no Brasil:

No Brasil no final do século XIX tornou-se possível numa perspectiva maior devido às correntes imigratórias da Europa para o continente americano. Especialmente de população não católica, ao movimento missionário protestante europeu e norte americano no Brasil, com maior liberdade religiosa garantida pelo princípio liberal de separação do Estado da Igreja. Somaram-se a isso um conjunto de fatores internos do desenvolvimento institucional da Igreja IASD nos Estados Unidos e Europa<sup>92</sup>.

No final do século XIX surgiram às primeiras escolas adventistas no Brasil. A educação adventista de Curitiba, segundo Leite e Blanck, sofreu interferência do liberalismo no Brasil, pois havia um enorme movimento social, político e econômico:

O começo da República foi um período de grande agitação sócio-político-econômico no Brasil, na virada do século XIX para o século XX. No panorama cultural se verificaram transformações que aconteceram no bojo das novas ideias que chegaram da Europa e dos Estados Unidos e acabaram por conduzir a sociedade brasileira a uma nova visão de mundo, visto que o sistema até então estabelecido não mais atendas as necessidades humanas da população. Assim, fundamentado nesse novo modelo de perceber as relações entre as sociedades que as sustém, o Brasil assimila essas novas ideias e aderiu à sua realidade<sup>93</sup>.

Portanto, foi nesse cenário que “No ano de 1896, nasce o primeiro colégio adventista em Curitiba”<sup>94</sup>. A presença do alemão Stauffer que veio ao Brasil enviado

<sup>92</sup> HOSOKAWA, Elder. *Da colina, “rumo ao mar”*. 2001. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós – Graduação em Filosofia, Faculdade de filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, 2001.p.56.

<sup>93</sup> LEITE, Branck. *Liberalismo e educação protestante no Brasil: o sistema educacional adventista que se instalou em Curitiba em fins do século XIX*. Paraná: PUC, 2005. p.1, 2.

<sup>94</sup> GROSS, Renato. *Colégio Adventista de Curitiba: Uma história de fé e pioneirismo: primeira escola adventista do 7º dia do Brasil*. Rio de Janeiro: Collins, 1996. p.19.

pelos Estados Unidos no mês de maio de 1892, iniciando seu trabalho de missionário em São Paulo. Logo depois chegaram mais dois missionários cujo nome era C.A. Nowlin e E.W. Snider. Com a intenção de auxiliá-lo. “Em 1894 o pastor Thorston foi morar no Rio de Janeiro capital federal para liderar a obra educacional no Brasil”<sup>95</sup>. O pastor Graf chegou ao Brasil em 1895, transferido pela Associação Geral, a fim de se dedicar efetivamente na educação no Brasil. Segundo Gross, “tanto Graf como Spies vieram parar nas terras brasileiras vindos de Hamburgo, na Alemanha”<sup>96</sup>. Por conseguinte, a infiltração desses pioneiros no solo brasileiro fazia-se pelas regiões de colonização alemã: estados do sul, interior do Espírito Santo e interior de São Paulo. Neste tempo, devido à localização geográfica central em relação à Santa Catarina e São Paulo Graf passava vários meses do ano residindo em Curitiba. Ele tomou a decisão de construir naquela cidade a sua primeira instituição educacional adventista. “O nome proposto para esta escola foi ‘Colégio Internacional’. A data de sua abertura: 1º de julho de 1896”<sup>97</sup>.

Para a compreensão da trajetória do colégio Curitibano serão relatadas a seguir, três etapas que incidiram ao colégio: primeiro, para o funcionamento do colégio, alugou-se uma ampla casa de paredes externas de alvenaria com cinco amplas janelas frontais abertas para a Rua Paulo Gomes (nº 290). De antemão, os princípios da filosofia whiteana são aplicadas no decorrer do percurso da educação adventista. Referente ao espaço físico atentou-se seriamente a recomendação de White que preconiza a importância da entrada do ar nos ambientes humanos, pois o ar é essencial para o bom funcionamento da saúde<sup>98</sup>. Diante das incisivas orientações de White, ao alugar o prédio, os pioneiros seguiam rigorosamente à pedagogia whiteana na primeira escola curitibana. Esse prédio ainda existe hoje. Poucas coisas mudaram, no início a matrícula foi de apenas seis alunos. Com o passar do tempo o número de alunos foi crescendo e fez com que o casal de professores Guilherme Jr. e Maria Stein contratasse mais um professor, Vicente Schmidt. No entanto, de acordo com Gross, apesar dos alunos serem muitos, as

---

<sup>95</sup> GROSS, 1996, p. 100.

<sup>96</sup> . GROSS, 1996, p. 101.

<sup>97</sup> BROWN, Walton. *The Seventh Day Adventist Education Cronology*. General Conferece. Washington: Review and Herald, 1880. p. 32, 33.

<sup>98</sup> WHITE, Ellen. *Conselho sobre saúde*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1965.p.55.

receitas não permitia pagar três professores, sendo que o único salário era dividido entre o casal Stein e o professor Schmidt<sup>99</sup>.

O início foi difícil para a educação adventista, mas, aos pouco foi melhorando a situação financeira, os alunos chegaram a 120 como está escrito na Enciclopédia Adventista no ano de 1896, todavia, o professor Stein já se sentindo cansado pelo excesso de trabalho declarou que:

Com os nervos abalados pelo o excesso de trabalho de três períodos diurno, queríamos voltar a São Paulo, já que se nos ofereciam oportunidades de entregar a escola (de Curitiba) ao irmão Paul Kramer. Mas o irmão Graf foi de parecer que seria melhor ir fundar uma escola paroquial em Brusque (Gaspar Alto), Santa Catarina onde o trabalho seria menos e o clima favorável para uma estação de repouso<sup>100</sup>.

Igualmente sucedeu com a esposa de Stein, Maria Krahenbuhl Stein que sempre o ajudou como professora, também se referindo ao trabalho realizado em Curitiba, ela narra as seguintes palavras:

Trabalhando arduamente e a escola prosperou; dentro de seis meses não podia mais fazer o trabalho. Eu, apesar de minha inexperiência, ajudei o no que podia, tomando conta dos pequeninos<sup>101</sup>.

E ela ainda acrescenta:

Quando ainda estávamos em Curitiba, o diretor de um colégio, vendo o trabalho dele, de que muito gostou, ofereceu-lhe um ordenado mensal de 200 réis, mas o seu coração estava nesta gloriosa obra, recusou e foi para Gaspar Alto com ordenado de 60 réis<sup>102</sup>.

A escola continuou crescendo em Curitiba, mas o mesmo estava acontecendo na segunda escola adventista em Gaspar Alto, Santa Catarina, onde funcionava uma classe noturna para os adultos, Gross afirma que o “professor Stein lecionou em Gaspar Alto até 1899, depois ele ingressou na obra de publicação, fez trabalho de redação, tradução e revisão”<sup>103</sup>. Ele passou a residir no Rio de Janeiro, onde permaneceu trabalhando na área da educação, no ano de 1957 ele faleceu e o professor John Lipke, ficou cuidando cuidou da escola em Gaspar Alto.

<sup>99</sup> GROSS, 1996, p.30.

<sup>100</sup> VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. *Traços Biográficos de Guilherme Stein Jr.- Raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1995. p.136.

<sup>101</sup> GROSS, Renato, *Carta de Maria K. Stein ao Dr. Gideon de Oliveira*, com data de 08 de agosto de 1958. Rio de Janeiro: Collins, 1996.p.38.

<sup>102</sup> GROSS, 1996, p.38.

<sup>103</sup> GROSS, 1996, p.33.

A segunda fase do colégio internacional se deu por meio de sua consolidação “em 1897 no mês de setembro quando Paulo Kramer ex - batista de nacionalidade alemã assumiu a direção da escola” <sup>104</sup>. Porém, no ano de 1898, um ano depois da liderança do professor Kramer, a escola passou a funcionar em outra instalação na avenida cândido de Abreu. Na supervisão do professor Kramer o número de aluno foi reduzido devido à saída do professor Stein que falava português, houve uma queda significativa no número de aluno, pois quem assumira a direção no lugar de Stein, não falava português. Nesse sentido, pelo fato do professor Kramer ser alemão e não falar o português permaneceu apenas os alunos que compreendia a língua alemã. Kramer diz:

Entretanto, no início do ano de 1898, eu escrevi a Hamburgo solicitando aos adventistas de lá que nos enviassem alguém com quem eu pudesse repartir as responsabilidades e o trabalho na escola, e no dia 27 de agosto o irmão W Eblers chegou de Hamburgo, e desde então nossa escola tem crescido tanto, que no começo do presente ano, 110 alunos se matricularam, e ao escrevermos hoje, 12 de março (de 1899), nossa matrícula é de 130, enquanto há um número considerável aguardando ingresso para logo <sup>105</sup>.

Depois que passou a crise, o colégio cresceu assustadoramente. Contratou professores que falavam fluentemente o português “O colégio curitibano passou a receber famílias abastadas e tradicionais, as aulas eram oferecidas em alemão e em português” <sup>106</sup>. Já na terceira fase, a expansão, as crises e recomeço tomaram o rumo da história do colégio curitibano. No ano de 1901 a direção da escola adventista de Curitiba decidiu alugar um dos prédios mais luxuosos da época, o tão conhecido Palacete Wolff, que foi construído na década de 1880, nesse ínterim, esse mesmo prédio já tinha recebido outras duas escolas que não prosperaram: “O Parthenon Paranaense” e o “Colégio dos Franciscanos”. Sobre a descrição do prédio alugado Palecete, Lacerda explicita que:

Ocupando dois lados do terreno, o sobrado tem plantas em forma de L.A área livre restante era outrora o pátio do serviço da casa. A disposição interna da planta é marcada por um eixo formado pelo corredor de distribuição, contendo a escada e o acesso ao andar superior e se estendendo da porta de entrada ao pátio. No andar de cima se repete o mesmo esquema, com o corredor ligando a porta da sacada a uma varanda em L aberta para o pátio. Dão para esses corredores os aposentos principais, as salas maiores voltadas para o externo e os antigos quartos que davam para o pátio de serviço <sup>107</sup>.

<sup>104</sup> GROSS, 1996, p.15.

<sup>105</sup> GROSS, 1899, p.17.

<sup>106</sup> GROSS, 1996, p.47.

<sup>107</sup> GROSS, 1996, p.58.

Na virada do século, a escola adventista de Curitiba passou por uma crise local. “Os competentes professores e os materiais escolares não foram suficientes para conter a evasão de estudantes”<sup>108</sup>. Conseqüentemente no ano de 1904, o colégio internacional de curitibana chega ao fim, pois, os dirigentes que cuidava e incentivava a todo o momento a permanência da escola havia se mudado de Curitiba. Por esse motivo a escola fechou. Porém, o fechamento da escola não passava de um intervalo, uma vez que em 1928, com a mesma filosofia whiteana de 1896, a escola reabre<sup>109</sup>. Desta vez para nunca mais fechar, seus dirigentes prosseguiram desde então firmemente até os dias atuais. Por ocasião destas escolas, outras foram abertas, em Curitiba no Paraná e no Brasil. Ao passar por diversos problemas no passado, a educação adventista hoje se consolidou e milhares de alunos já passaram pelas escolas adventistas do ensino básico em todo Brasil, fruto do colégio tradicional curitibano.

### 3.2 Elementos básicos em White que se tornaram norteadores na educação Adventista

No tópico anterior foi discutido o começo da obra educacional Adventista no Brasil. Já nesse tópico, vai ser mencionado como a pedagogia whiteana foi importante para esse avanço educacional no País. Esse processo pedagógico de Ellen G. White poderia ser classificado como teórico-prático voltado para as realidades e questões intelectuais e pragmáticas do cotidiano. Esses elementos básicos se tornaram norteadores da educação adventista no mundo. Pode se dizer que toda estrutura pedagógica da educação Adventista está ligada a pedagogia whiteana. Uma das implicações pedagógicas de White está vinculada ao autocontrole. Ela acreditava que a liberdade deveria ser aceita somente quando há submissão ao um Ser superior. Segundo White, a liberdade e o autocontrole são os meios pelos quais o caráter do ser humano é posto em desenvolvimento:

Deus poderia ter criado o homem sem a faculdade de transgredir a Sua lei; poderia ter privado a mão de Adão de tocar no fruto proibido; neste caso, porém, o homem teria sido não uma entidade moral, livre, mas um simples

<sup>108</sup> GROSS, 1996, p.56.

<sup>109</sup> GROSS, Renato. *Carta da Sr.ª Lúcia Hoffmann ao prof. Renato Gross, com data de 28 de setembro de 1978*. Rio de Janeiro: Collins, 1996, p. 66.

autômato. Sem liberdade de opção, sua obediência não teria sido voluntária, mas forçada. Não poderia haver desenvolvimento de caráter<sup>110</sup>.

A autonomia no campo educacional- pedagógico de acordo com White tem que ser mediado pelo diálogo, com o propósito de tornar iguais professores e educandos. É o diálogo que contribui para a autonomia e que dar sentido à obediência enquanto respeito à autoridade<sup>111</sup>.

Porém, de que jeito o diálogo poderia contribuir para tornar a obediência de fato, um caminho para a liberdade? O diálogo contribuiria para aprofundar e fortalecer a consciência para a necessidade de tornar-nos seres éticos, responsáveis, observadores dos limites e saudáveis<sup>112</sup>. O diálogo evitaria o estabelecimento de uma relação em que um dite as normas e o outro simplesmente as observa. White, nos seus escritos afirmou que os estudantes tem que ter um senso crítico, pois sem ele não há uma fundamentação autônoma<sup>113</sup>. White valorizou e promoveu uma educação preocupada com o desenvolvimento do pensamento reflexivo que formasse nos estudantes um elevado senso de comunicação com o outro, tornando-os pensadores e não apenas refletores do pensamento de outros. Observe nas suas palavras:

É a obra de a verdadeira educação desenvolver esse poder, treinar os jovens para serem pensadores e não meros refletores do pensamento de outros homens. Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, deixem os estudantes serem dirigidos às fontes da verdade, aos vastos campos abertos para pesquisar na natureza e na e na revelação. Deixem- nos contemplar os grandes fatos do dever e do destino, e a mente se expandirá e fortalecerá<sup>114</sup>.

O processo ensino- aprendizagem deveria ser encarada mais do que um simples adestramento ou disciplina mental, seu objetivo é “produzir homens fortes para pensar e agir, homens que seja senhores não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplidão de mente, clareza de pensamento, e coragem nas suas convicções”<sup>115</sup> O ser humano é autônomo na medida em que é livre para pensar com liberdade, sem necessariamente repetir discursos formados e aceitos. Em contrapartida, a educação que transforma e o indivíduo que questiona,

<sup>110</sup> WHITE, Ellen G. *Patriarcas e profetas*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006. p.49.

<sup>111</sup> WHITE, 1968, p. 233.

<sup>112</sup> WHITE, 1994, p.102.

<sup>113</sup> WHITE, 1975, p.114.

<sup>114</sup> WHITE, 1968, p.17.

<sup>115</sup> WHITE, 1968, p.18.

possibilita uma melhor compreensão do mundo<sup>116</sup>. Naturalmente, é o diálogo entre sujeitos que permite a compreensão da realidade. Uma atitude que saibam conduzir-se e não serem conduzidos; sujeitos e não meros cumpridores de fórmulas; “Líderes nos diversos empreendimentos e que influenciem caracteres de verdadeiros pensadores”<sup>117</sup>. O ensino centralizado no aluno é condição necessária, mas não suficiente para um pensamento crítico. Afinal, é perfeitamente possível ensinar centrado no aluno com o objetivo de torná-lo um mero e eficiente reprodutor de valores dominantes da sociedade. A proposta whiteana mostra-se coerente e plausível na finalidade de construir sujeitos pensantes, pois, esse processo também envolve o desenvolvimento de uma inteligência vigorosa, ela afirma:

O intelecto humano precisa expandir-se, e adquirir vigor, agudeza e atividade. Deve-se obrigá-lo a fazer trabalho árduo, pois do contrário tornar-se-á débil e ineficiente. É necessária energia cerebral para pensar com mais afinco; deve-se exigir do cérebro o máximo a fim de resolver e dominar problemas difíceis, se não haverá um decréscimo de vigor mental e da capacidade de pensar. A mente deve idear trabalhar e esforçar-se a fim de dar solidez e vigor ao intelecto<sup>118</sup>.

Por essa razão, mas do que receber informações prontas, o aluno deve ser ensinado na arte de pensar, dialogar e refletir<sup>119</sup>. Porque se a pedagogia se propõe a capacitar os seres humanos para ir além de suas predisposições “inatas”, deve o educando lidar com todo tipo de questionamentos sem correr risco de perder tempo com fórmula, nomes e esquemas que rapidamente fica obsoleto. White concorda com o educador que se propõe a desenvolver no estudante a arte de pensar e afirmar que:

[...] Deve hoje aprender por si mesmo o que é a verdade. Mas, para conseguir estudo eficaz, deve-se obter o interesse do aluno. Especialmente para o que tem de lidar com crianças e jovens que diferem grandemente na disposição, educação, hábitos de pensar, esta é uma questão que não se deve perder de vista<sup>120</sup>.

Fomentar um raciocínio crítico é fundamental, porque pode ser uma evidência de liberdade. Afinal, só um sujeito livre pode expressar-se com autonomia. Além disso, White alerta sobre o perigo de uma liberdade egoísta com paixões baixas,

---

<sup>116</sup> WHITE, 1976, p. 16.

<sup>117</sup> WHITE, 1968, p. 17.

<sup>118</sup> WHITE, 1975, p. 226.

<sup>119</sup> WHITE, 1994, p. 434.

<sup>120</sup> WHITE, 1968, p. 188.

segundo ela, tal liberdade conduz ao mais penoso remorso e escravidão mais cruel<sup>121</sup>.

White afirma que o estudante não deve ser alienado do meio social, no seu ponto de vista há uma necessidade de corrigir o sistema de educação que tenha esse processo de alienação da criança. Nesse sentido a autora afirma que:

Muitas são as famílias com crianças que parecem bem educadas enquanto se encontram sob a disciplina; quando, porém, o sistema que as ligou a certas regras se rompe, parecem incapazes de pensar, agir ou decidir por si mesmas. Essas crianças estiveram por tanto tempo sob uma regra de ferro, sem permissão de pensar e agir por si mesmas naquilo em que era perfeitamente próprio que o fizessem que não tivesse confiança em si mesma, para procederem segundo seu discernimento, tendo opinião própria. E quando saem de sob a tutela dos pais para agirem por si mesmas, são facilmente levadas pelo discernimento de outros a errôneas direções. Não têm estabilidade de caráter. Não foram deixadas em situação de usarem o próprio juízo na proporção em que isto fosse praticável, e, portanto a mente não foi devidamente desenvolvida e fortalecida. Foram por tanto tempo inteiramente controladas pelos pais, que dependem totalmente deles; estes são mente e discernimento para elas<sup>122</sup>.

White lembra que é preciso que a criança seja autônoma e que o processo da educação seja conjunto, pois as crianças não são desde pequenas ensinadas a obedecer aos ditames da razão e da consciência. “Não são ensinadas a agir por princípio; a faculdade do raciocínio não é fortalecida pelo exercício. Tanto quanto possível, deve cada criança ser ensinada a ter confiança em si mesma”<sup>123</sup>. Sabemos que o pensamento crítico não é sinônimo de liberdade, porque existem pessoas que se torna refém de suas propostas individualistas, e que tem suas observações, porém sem argumentações que demonstrem amor pelo próximo.

O estudante que pensa de maneira correta, que se expressa criticamente, está carimbando seu passaporte para a libertação autêntica. Sendo que esse processo pode levá-lo a fazer uma leitura do mundo e seus acontecimentos. Fortalecendo-se e tornando ser pensante e ciente da realidade que circunda, preparando-o para contribuir e fundamentar uma reflexão crítica e autônoma.

Uma das implicações pedagógicas de White pode está vinculada ao autocontrole. Com respeito à amplitude e dilema da liberdade humana, o indivíduo tem que se conscientizar da sua responsabilidade de desígnios e ações. Limite é a palavra chave na sua pedagogia, “Em caso algum eu aconselharia o restringir a

<sup>121</sup> WHITE, 1996, p. 88.

<sup>122</sup> WHITE, 1975, p.17.

<sup>123</sup> WHITE, 1975, p. 57.

educação a que não pôs limite”<sup>124</sup>. Neste ínterim, o limite é algo, de suma importância na liberdade do indivíduo. O sujeito desenvolve a sua autonomia, gerencia sua própria vida, se autocontrolando diante da sociedade. Nos escritos de White isso é bem presente, pois a autora aconselha que a criança seja disciplinada para que na idade adulta possa ter esse discernimento próprio:

Nos lares e nas escolas a educação das crianças não deve ser como o treinamento dos mundos animais, porque as crianças têm uma vontade inteligente, que deve ser orientada para controlar todos os seus poderes. Os mudos animais precisam ser treinados, pois eles não têm razão e intelecto. À mente humana precisa ser ensinado o autocontrole. Ela [a] mente humana deve ser educada para governar o ser humano, enquanto que animal é controlado pelo mestre<sup>125</sup>.

Nesse sentido, a pedagogia Whiteana mostra que o conhecimento é analisado e recriado pelo próprio estudante, e não possibilita o educando permanecer com uma postura passiva na ação de descobrir o conhecimento<sup>126</sup>.

Um dos objetivos fundamentais de Ellen G. White, além, da liberdade é a questão da disciplina, de acordo com ela a disciplina leva o indivíduo à maturidade. Ela aconselhou que ensinasse nas escolas não somente conteúdo, mas, também a disciplina. E que fizesse o aluno refletir sobre tal ensinamento:

Os professores devem prender os discípulos ao próprio coração por laços de amor e bondade e estrita disciplina. O amor e a bondade nada valem a menos que estejam ligados com a disciplina [...] Os estudantes vão para a escola a fim de serem disciplinados para o serviço, preparados para empregar da melhor maneira possível as suas faculdades. Se, ao chegarem, decidem cooperar com os professores, o estudo lhes será de muito maior valor do que se entregarem-se à inclinação de serem rebeldes e desenfreados<sup>127</sup>.

Fazendo uma leitura sobre a importância da disciplina nos escritos de White, é possível achar algumas razões pelas quais ela considera importante, uma das ideias é que a disciplina está ligada a educação. A educação na infância decide e desenvolve o caráter do adulto<sup>128</sup>. Dessa forma, a disciplina começa com o processo de ensinamento, neste caso, não é apenas dos pais ou dos educadores, entretanto se torna um elemento inseparável do método educativo, e terá uma influência no amadurecimento nas fases da vida. Sobre esse assunto White explica que:

A disposição e os hábitos da juventude muito facilmente se manifestam na idade madura. Podeis curvar se uma árvore nova em quase qualquer forma

<sup>124</sup> WHITE, 1994, p. 57.

<sup>125</sup> WHITE, 1976, p.02.

<sup>126</sup> WHITE, 1994, p.253.

<sup>127</sup> WHITE, 1994, p.265.

<sup>128</sup> WHITE, 1976, p.43.

que desejardes, e se ela permanecer e crescer como os pusestes, será uma árvore deformada, denunciando sempre o dano e o mau trato recebido de vossas mãos. Podeis, depois de anos de crescimento, procurar endireitá-la, mas todos os esforços se demonstrarão infrutíferos. Ela será sempre uma árvore torta. Tal é o caso com a mente das crianças. Estas devem ser cuidadosa e ternamente educadas na infância. Podem ser exercitadas na devida direção ou em direção errada, e em sua vida futura seguirão aquela em que foram dirigidas na juventude. Os hábitos então formados crescerão cada vez mais e cada vez mais se fortalecerão, e geralmente o mesmo ocorrerá na vida posterior, apenas se tornando sempre mais fortes<sup>129</sup>.

O processo disciplinar na perspectiva de White é considerado complexo, e por isso pouco agradável, sendo que tem momento que vai de encontro à natureza infantil que deseja ter uma liberdade sem limites, pois a criança desconhece o sistema de regras tendo uma vontade livre que deve ser controlada.

A negligência dos primeiros ensinamentos à criança e o conseqüente fortalecimento das más tendências, tornam sua educação posterior mais difícil e fazem com que a disciplina seja muito frequentemente uma operação penosa. Penosa deve ser para a natureza inferior, contrariando, como faz aos desejos e inclinações naturais; mas tais penas devem-se perder de vista na perspectiva de uma maior alegria<sup>130</sup>.

A disciplina para White é de suma importância na infância, porque auxiliará na vida adulta. A disciplina é algo que deve ser construída na infância mediante uma educação libertadora, pois a criança que tem esse ensino negligenciado conseqüentemente na vida adulta poderá se tornar indisciplinada. O objetivo da disciplina é ensinar a criança a conviver com pessoas diferentes. Nesse sentido, White entende que a criança precisa ser disciplinada porque isso facilita o convívio social:

Uma das primeiras lições que a criança precisa aprender é a lição da obediência. Antes que fique bastante idosa para raciocinar, pode ser ensinada a obedecer. Deve estabelecer-se o hábito por meio de um esforço brando e persistente. Assim se podem evitar em grande parte aqueles conflitos posteriores entre a vontade e a autoridade, os quais tanto concorrem para criar hostilidade e amargura para com os pais e professores, e muito frequentemente, resistência a toda autoridade, humana ou divina<sup>131</sup>.

Para White, uma criança que não tem limites postos pelos pais, cujo autocontrole não faz parte do seu dia a dia, não sabe usufruir sua liberdade. Enquanto que, uma criança disciplinada sabe usar sabiamente a sua liberdade. A criança bem disciplinada está disposta a aprender a lidar com os confrontos e

<sup>129</sup> WHITE, 1984, p. 13.

<sup>130</sup> WHITE, 1963, p. 255.

<sup>131</sup> WHITE, 1968, p. 287.

críticas que possam envolvê-las, então, logo, desenvolverá a habilidade de aceitar as advertências dos outros e desfrutar de forma mais intensa a sua liberdade.

Segundo White:

Não tendo nunca aprendido a governarem-se os jovens não admitem restrições a não serem as exigências dos pais ou professor. Removidas estas, não sabem como fazer uso de sua liberdade, e com frequência se entregam a condescendências que vêm a ser sua ruína<sup>132</sup>.

Para White, o mau uso da liberdade desencadeará o impulso para a prática dos maus hábitos. A disciplina então viabiliza a prática dos bons hábitos. Todavia, a disciplina é um recurso inerente ao desenvolvimento do caráter humano. Dessa forma, é a disciplina que vai moldando o indivíduo para a aptidão com as relações humanas e quaisquer circunstâncias que o engloba. White ainda relaciona autocontrole com autonomia, pois por meio da autonomia é possível exercer o autocontrole, porém, ambos são resultantes do processo de disciplina. Logo, mediante tal disciplina pode-se estimular a autonomia, bem como, o autocontrole.

### 3.3 A história do ensino superior na rede adventista

Esse tópico apresentará a história do ensino superior na Rede Adventista de ensino, entretanto, essa história será dividida em etapas, conforme as divisões de Campi. Quando se fala em ensino superior deve ser lembrado que tudo começou com os Jesuítas. Ao expulsarem os jesuítas no ano de 1759, seis cursos de filosofia, além dos seminários teológicos que eram mantidos pela companhia de Jesus foram fechados. “Passou se um bom tempo, só depois, em 1808, foi que as faculdades de ensinos de nível superior foram criadas”<sup>133</sup>. Ainda com relação ao ensino dos jesuítas, Serafim, evidência que:

O curso de Artes do Colégio da Baía (sic) apresenta-se com Faculdade de filosofia, de direito pontifício e praxe universitária, e com a mesma praxe e solenidade dava o grau de Mestre em Artes aos externos: anel, livro, cavalo, pagem do barrete, e capela azul de seda<sup>134</sup>.

Todavia, a reabertura dos cursos superiores se deu por meio da chegada da família real portuguesa ao Brasil. O príncipe regente autorizou o início do curso de

<sup>132</sup> WHITE, 1968, p. 288.

<sup>133</sup> SCHWARTMAN, Simon & BROCK, Colin. *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 197.

<sup>134</sup> SERAFIM, Leite. “O Curso de filosofia e as tentativas para se Criar a Universidade no Brasil”. Rio de Janeiro: Verbum, 1948. p.109.

cirurgia que foi oferecido no Hospital Militar. No que diz respeito, ao ensino superior confessional, segundo Fernando de Azevedo, em 1896, o *Makenzie College*, em São Paulo, formou um colégio de Engenharia<sup>135</sup>. Por Peri Mesquida,

Somos informados que em 1905, os metodistas abriram em juiz de Fora (MG), as faculdades de Odontologia e Farmácia, e no ano de 1911, o curso de Direito, junto ao Colégio Granberry, que fundado em 1890, contribuiu para propagação das ideias pedagógicas norte-americanas no Brasil<sup>136</sup>.

Para a educação adventista, a instalação do ensino superior no Brasil, também teve uma história, é o que se pretende verificar a seguir na primeira etapa que se refere ao ensino superior no Instituto adventista de ensino (IAE) que ficava localizado em São Paulo Campus1. “O IAE oferecia o curso de teologia, mas a despeito dos primeiros alunos terem concluídos o curso em oito de dezembro de 1922”<sup>137</sup>, o curso só pôde ser reconhecido como ensino superior de forma legal no início de 1955, a partir desse ano, passou a ser solicitado para o ingresso ao curso de teologia o segundo grau completo, e conseqüentemente o seminário passou a oferecer o curso em quatro anos. O estudante da escola Adventista que tivesse interesse em cursar teologia poderia fazer aproveitamento dos créditos de matérias religiosas, e em vez de fazer o curso em quatro anos terminaria em três anos. Contudo, anos mais tarde, quando o ensino superior passou por uma modificação referente ao reconhecimento do Ministério da Educação e Cultura, todos os alunos formados em teologia em anos anteriores retornaram para convalidar seus estudos.

A Divisão Sul-Americana da igreja adventista, em 1982 autorizou a abertura do seminário Adventista Latino- Americano de teologia na expectativa de aproximação entre os cursos de teologia do País. O seminário de teologia sustentado pela instituição adventista de ensino funcionou continuamente em São Paulo desde o seu começo até 1992. Entretanto, o ensino superior no país avança com os seus respectivos cursos, porém, e de acordo com a filosofia estabelecida por Ellen G. White. Os motivos pelos quais levou os dirigentes da educação adventista a

<sup>135</sup> AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*. Recife: Massangana, 1996. p. 614.

<sup>136</sup> MESQUIDA, Peri. *Hegemonia Norte- Americana e a Educação protestante no Brasil*. Minas Gerais: Editeo, 1994.p.152.

<sup>137</sup> LUIZ, Waldvogel. *Memória de tio Luiz*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1988.p.75.

abrir o primeiro curso superior foi o avanço do trabalho médico missionário<sup>138</sup>. Pois White fomenta que:

A obra médico-missionária jamais me foi apresentada de outro modo que não o de ter a mesma relação para com a obra como um todo, que tem o braço para o corpo [...] Visto ser a obra médica missionária o braço do corpo, deve haver uma unanimidade de consideração para com ela mediante a prática de seus princípios simples, os doentes e sofredores são aliviados<sup>139</sup>.

É notória a importância que White dá para o serviço médico missionário, por meio desse serviço as pessoas são auxiliadas e aliviadas dos seus fardos. Nesse sentido, a abertura do curso de enfermagem no (IAE) foi o primeiro curso superior no campus 1, apesar de teologia ter chegado primeiro. O seu estabelecimento está inteiramente ligado ao pedido e conduzido pela Divisão Sul-Americana e alguns hospitais adventistas, sobretudo o hospital São Silvestre do Rio de Janeiro, cujo diretor na década de 1960, Dr. Edgar M. Berger, por meio de solicitação as organizações superiores, eliciou todo o processo. No ano de 1965, no instituto adventista de ensino campus 1, foram tomados dois votos: o de nº 65-183, autorizando a criação da Faculdade Adventista de enfermagem, e o voto 65-184, que nomeou a sua primeira diretora, a enfermeira Maria Kudzielicz. O Ministério da Educação e Cultura autorizou a faculdade adventista de enfermagem a funcionar pelo Decreto nº 62.800 de 1978. No início, o projeto da faculdade de enfermagem não foi adiante. Pois ainda não havia um quadro de professores suficiente para essa ocupação. Apesar desses impasses, os dirigentes decidiram construir um prédio que estivesse de acordo com os padrões exigido pelo MEC. Estencel explicita que:

Em princípio o projeto foi inviabilizado, pois não havia corpo docente preparado nem mesmo recursos disponíveis para a sua execução, porém a despeito desses desafios a administração do IAE construiu um prédio ainda no início da década de 40, o qual era arquitetonicamente adequado para a instalação de uma escola de enfermagem. Esse prédio é o atual edifício de aulas onde hoje funciona a Escola Fundamental do UNASP, campus São Paulo<sup>140</sup>.

Sabendo que o curso de enfermagem não seria oferecido pela faculdade adventista naquele momento, o Dr. Galdino Nunes Vieira que era o diretor da Casa

<sup>138</sup> STENCEL, Renato. *História da educação Superior Adventista: Brasil, 1966-1999*. 2006. Tese (Doutorado)- Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Metodista de São Paulo, Piracicaba, 2006. p. 163.

<sup>139</sup> WHITE, 2008, p.239.

<sup>140</sup> STENCEL, 2006, p.162.

de Saúde liberdade, que fica hoje em São Paulo não demorou muito para pedir ajuda a Cruz Vermelha Brasileira, com a finalidade de abrir o curso de enfermagem para atender às alunas do curso de enfermagem adventista. Depois desse pedido, em 1943, começou a funcionar o curso na Casa de Saúde, hoje Hospital Adventista São Paulo (HASP). Iniciou-se o processo seletivo e naquele ano somente seis alunos se matricularam, foi dessa turma que saiu a Diretora do curso da época, Maria Kudzielicz. Em 1945 foi celebrada a formatura da primeira turma de alunos do curso de enfermagem adventista. Essa turma até hoje é conhecida como os primeiros adventistas formados em enfermagem no Brasil. O curso foi se evoluindo e conseqüentemente surgiram vários hospitais no Brasil, os Hospitais Silvestres na cidade do Rio de Janeiro (1949), Hospital do Pênfigo em Campo Grande (1952) e Hospital de Belém no estado do Pará (1953). Em 1964, o Dr. Edgard Berger apelou para os dirigentes da igreja adventista que enviasse os enfermeiros e enfermeiras para fazerem seus cursos de Pós-graduação no intuito de poder prepara-los para o corpo docente para a abertura da faculdade de enfermagem. Depois desse pedido, foi organizada uma comissão para analisar um local que fosse adequado para a instalação da Faculdade de enfermagem<sup>141</sup>. Essa comissão foi formada com os respectivos membros: Dr. Edgard Berger, Alice Peixoto e alguns representantes das Uniões Brasileiras e Divisão Sul-Americana da IASD. Esses encontros de líderes nacional e internacional se reuniram pela primeira vez. E só depois de muitas conversas foi liberado o Instituto Adventista de Ensino para oferecer o curso, sob a direção de Jairo Diretor do IAE 1965.

Não foi fácil no começo implantar o curso de enfermagem, uma vez que os dirigentes da Educação Adventista já tinham liberada a abertura da Faculdade no IAE, pois a burocracia do Ministério Educacional e Cultura (MEC) havia tornado um pouco difícil esse processo. Nesse sentido, Estencil comenta:

Um aspecto determinante para a implantação deste curso ocorreu em setembro de 1965, quando o IAE efetuou o chamado de Maria Kudzielicz para iniciar a elaboração do processo burocrático a fim de ser apresentado junto ao Ministério de Educação. No ano seguinte em 1966, fora chamado também outra enfermeira, a Ana Maria de Luca Oliveira que em companhia de Kudzielicz iniciam seus estudos de pós-graduação na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP). Após quatro anos de intenso trabalho, superação de obstáculos e graças à ajuda e orientação de amigos influentes tais como o Deputado Federal Ulisses Guimarães e o Reverendo José Borges Santos, no dia 30/05/68 foi autorizado o

---

<sup>141</sup> STENCEL, 2006, p.163.

funcionamento da Faculdade de Enfermagem através do decreto nº 62.800 expedido pelo Conselho Federal de Educação na pessoa do Ministro da Educação e Cultura, Tarso Dutra<sup>142</sup>.

Diante desses empasses, somente em 1968 foi realizado o primeiro vestibular para início das aulas no segundo semestre daquele mesmo ano. “A faculdade adventista de enfermagem conseguiu junto ao MEC disponibilizar 30 vagas, mas somente trezes pessoas conseguiram se matricular”. Esse número de vagas não foi suficiente para que se prosseguisse naquele ano as aulas, portanto, mas uma vez fora adiado o início da primeira turma para o ano seguinte (1969). Stencel confirma que:

Em julho de 1968 foram feitas as primeiras inscrições para o vestibular a fim de dar início às aulas ainda no segundo semestre do mesmo ano. A FAE abriu trinta vagas, porém apenas 13 candidatos se inscreveram e foram aprovados. Isto fez com que a instituição prorrogasse o início do curso para o primeiro semestre de 1969. Ainda no mês de fevereiro do referido ano, fora realizado o segundo exame vestibular com a inscrição de 24 candidatos o que resultou entre matrículas e desistências um total de 27 alunos para compor a primeira turma de enfermeiros da Faculdade Adventista de Enfermagem.

No dia 2 de março de 1969 foi realizada a chamada aula magna da faculdade adventista de enfermagem, nessa ocasião quem proferiu o discurso foi Dr. Ulisses Guimarães que era uma das pessoas que apoiou a abertura da FAE. Segundo o diretor da época do IAE Nevil Gorski, o Deputado Ulisses Guimarães sempre esteve disposto a ajudar a FAE. Além disso, a FAE recebeu ajuda do Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, cujo apoio motivou os dirigentes da educação adventista para uma nova instalação da FAE. Mas, não havia recursos suficientes para o amplo da FAE. O Diretor Geral do IAE Nevil Gorski, visando o aumento da FAE, decidiu pedir ajuda ao governo federal por meio do MEC. Enviou um documento pedindo fundo para a construção do prédio oficial da Instituição. Um dia depois a quantia estava liberada pelo Governo Federal para tal fim. Com relação a esse tipo de apoio financeiro na época, Brandão relata que:

Subvenções eram dadas aos estabelecimentos particulares (Plano Nacional de Educação – 1965 – destinava 5% do Fundo Nacional do Ensino Superior aos estabelecimentos particulares de 3º grau). Esse incentivo aliado à contenção do crescimento dos estabelecimentos públicos proporcionava oportunidades de lucros para o setor privado, inclusive ocorrendo

---

<sup>142</sup> STENCEL, 2006, p.164.

deslocamentos de escolas de 2º grau para escolas superiores em larga escala<sup>143</sup>.

Foi assim que começou o primeiro curso superior na Rede Adventista de ensino no Brasil. Portanto, a educação Adventista teve sua expansão num período em que o ensino superior tinha o apoio governamental, além dos processos legais e financeiros que protelava, mas eram resolvidos. Foi nessa perspectiva que a FAE se instalou no IAE. Até no presente momento, a Faculdade Adventista de Enfermagem desde 1999, já graduou 1.707\* enfermeiros, com habilitação em Enfermagem de Saúde Pública, Enfermagem Geral e Licenciatura em Enfermagem<sup>144</sup>.

Já no ano de 1971-1980, surge a faculdade adventista de educação. Se a ampliação dos serviços hospitalares no Brasil foi à força motriz para a criação da faculdade de enfermagem, a rápida e enorme expansão da rede de colégio adventista de 1º grau no país causou a criação do curso de pedagogia pelo Pr. Nevil Gorski, IAE, São Paulo, e no ano de 1980 mais dois cursos foram abertos: Letras e Ciências. O curso de Pedagogia foi autorizado pelo decreto 72.610, de 14 de agosto de 1973, e reconhecido pelo decreto 78.607, de 21 de outubro de 1976. Funcionou ininterruptamente no Campus1 até 1992, quando se iniciou o processo de transferência para o Campus 2. Em 11 de dezembro de 1994, ocorreu a última formatura da faculdade adventista de educação em São Paulo.

O documento que deu origem ao curso de Letras foi os voto 84-202, de 12 de setembro de 1984 da comissão Acadêmica do Instituto adventista de ensino do Campus 1. No ano de 1985 decidiram encaminhar dois processos para o MEC solicitando a abertura respectivamente dos cursos de letras e ciências. Os processos foram protocolados juntos ao Conselho Federal de Educação no segundo semestre de 1985. É interessante que a burocracia vigente na época fez destes dois processos um total de trinta quilos de papel devidamente pesado no *check-in* do aeroporto, quando do embarque do professor Renato Gross, na época Diretor Acadêmico da instituição para Brasília levando a documentação. As ações legais que originaram estes dois cursos foram para Letras, à autorização ocorreu pelo Decreto 96.045, de 18 de maio de 1988, e o reconhecimento pela Portaria Ministerial

---

<sup>143</sup> BRANDÃO, J.E. *A evolução do ensino superior brasileiro: Uma abordagem histórica abreviada*. São Paulo: Atlas, 1997.p.41.

<sup>144</sup> STENCEL, 2006, p.165.

488, DE 16 DE Março de 1993. O curso de Ciências, já plenificado com licenciatura de Matemática e Biologia, foi reconhecido pelo decreto 2. 294, de 22 de dezembro de 1997. Anteriormente a isto, era ministrada apenas a “licenciatura curta” em Ciência. É importante ressaltar que um dos itens a que se dava muita atenção na elaboração dos processos de aberturas de novos cursos na época era a Biblioteca, sendo necessário listar os milhares de obras disponíveis no acervo referente à área do curso pretendido. No tópico a seguir será abordado o processo de transferência de cursos superiores, bem como, os novos cursos implantados no campus 2.

A segunda etapa destina-se aos cursos superiores no campus 2, em Engenheiro Coelho, onde o ensino superior teve início com a chegada dos dois primeiros anos da Faculdade de Teologia, cujas aulas tiveram início em 13 de fevereiro de 1991. A primeira aula foi ministrada no 1º ano pelo professor Emilson dos Reis e no 2º ano pelo professor Ruben Aguilar. Naquele ano, matricularam-se 85 alunos no 1º ano e 47 alunos. O ano de 1992 viu a chegada do 1º ano do curso de Pedagogia, tendo as demais séries sendo transferidas sucessivamente por ano. A transferência completou-se em 1995 com os quatro anos que teve sua formatura em dez de dezembro de 1995. Neste período de transferência, a Faculdade Educação de (FED) teve como Diretor e professor Orlando Ritter, e a professora Ednice Burlandy na função de coordenadora do curso de Pedagogia. O professor Orlando Ritter dirigiu a (FED) DE 1978-1994, sendo então substituídas pelo Dr. Admir Arras que a dirigiu no período de 1995 a 1997, assumindo posteriormente o cargo, a professora Nair Ebling.

Processo semelhante ocorreu com o curso de Letras que teve a sua transferência em 1994, com o primeiro ano, e assim sucessivamente até que, em 14 de dezembro de 1997 formou sua primeira turma nesse campus. Todo processo de mudança foi acompanhado pelo professor Afonso Ligório Cardoso, que, desde 1994 coordena o curso de Letras. Passou-se uma Década, desde a abertura dos cursos de Letras e de ciências em 1988, embora os dirigentes tivessem se esforçado para abrir novos cursos, somente em 1998 foram abertos novos cursos nos dois Campi. As circunstâncias começaram a mudar em 1991, depois que foi encaminhado ao conselho de Educação da União Central Brasileira, o anteprojeto de criação da Universidade Adventista. Em 1992, foi encaminhada ao MEC a solicitação da criação desta Universidade e ao mesmo tempo, mediante os votos 92-060, era nomeado o

professor Homero L. dos Reis como vice-diretor para tratar da expansão universitária do IAE nos dois Campi que eram dirigidos simultaneamente pelos professores Nevil Gorski e Walter Boger em Artur Nogueira SP.

Em 1996 de uma só vez foi encaminhado para o Conselho Federal de Educação, o pedido de autorização de abertura de 14 novos cursos para o Campus 2 e sete novos cursos para 1, dois anos depois, já em 1998, começaram a serem aprovados os novos cursos. Para o Campus1, começou a funcionar o curso de Fisioterapia que teve suas aulas iniciadas em agosto de 1998. Já os cursos de Nutrição e Pedagogia foram autorizados a funcionar no segundo semestre de 1998, e suas atividades se iniciaram em 1999. O Campus 2 teve autorização par o funcionamento dos cursos de Educação Artísticas, Tradutor e Intérprete, Letras- Inglês, Administração e Engenharia Civil. O curso de Letras, até o ano letivo de 1998, oferecia apenas a habilitação de Língua e literatura Portuguesa.

No ano de 1997, ingressou-se junto ao conselho nacional de educação com a solicitação da criação do Centro Universitário bi campi, já sob a inspiração da nova legislação do ensino superior vigente que previa a criação de Centro Universitário como um caminho mais viável para que se concretizasse em médio prazo a criação da Universidade Adventista. O conselho constituiu uma comissão verificadora formada pelos professores Cezar Zucco, Euclides Marchi e Maria das Graças Silva Andrade, que visitaram os dois Campi em setembro de 1998. O parecer final foi favorável. Pela sua relevância, transcreve-se a seguir trecho do parecer final.

Conforme descrito na análise e justificativa deste relatório e considerando-se o plano de extensão em franco desenvolvimento, com infraestrutura praticamente garantida para os próximos cinco anos, como professores de alto nível e plano de qualificação e expansão do quadro permanente, a comissão está convencida de que o IAE é uma instituição com grande potencial a se tornar um Centro Universitário<sup>145</sup>.

Destarte, a pedagogia whiteana voltada ao desenvolvimento físico e ao trabalho manual era também aplicada nessas instituições:

Insisto em que nossas escolas sejam animadas em seus esforços no sentido de formular planos para o adestramento dos jovens na agricultura e outros ramos de trabalho industrial... Lembremo-nos da bênção que o exercício físico traz aos estudantes<sup>146</sup>.

<sup>145</sup> TIMM, R Alberto. I *Simpósio da Memória Adventista no Brasil*. São Paulo: UNASPRESS, 1999.p.32.

<sup>146</sup> WHITE, 1994, p. 317.

Contudo, diante do avanço da obra educacional adventista, vários internatos estabeleceram-se em diferentes regiões do país. Serão citados aqui somente os mais antigos: em 1937- emerge o Ginásio Adventista de Taquara, atual Instituto Adventista Cruzeiro do Sul, Taquara, no Rio Grande do Sul. Dois anos depois, em 1939 surge o Instituto Petropolitano de ensino, em Petrópolis, no Rio de Janeiro que existe até hoje. Por sua vez, em 1947 surge o Ginásio Adventista Paranaense, em Curitiba, como resultado da escola que já estava funcionando como internato em Butiá, Santa Catarina desde 1940. No entanto, quatro anos antes, o Educandário Nordestino Adventista de Belém de Maria, Pernambuco, já estava funcionando e tendo muito êxito. A educação adventista começou a andar em passos largos, dessa vez, o objetivo maior era abrir um internato no Estado de São Paulo, e em 1950- abriu-se o atual Instituto Adventista de São Paulo. Não demorou muito para surgir mais dois internatos: Um no Espírito Santo em 1963, conhecido com EDESSA e outro no Agro Industrial de Manaus em 1965. Assim sendo, Por meio de seus representantes surgiram vários outros internatos em todo o País:

Outros internatos foram sendo abertos em anos subsequentes em todas as regiões do Brasil. Enquanto as demais denominações fechavam tal espécie de escola, a Igreja Adventista acelerava a abertura de internatos de conformidade com a filosofia e os princípios educacionais da pedagogia adventista. Em sua imensa maioria estes colégios de internato oferecem ensino de 1º e 2º graus<sup>147</sup>.

A Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional, 5.692/71, foi um marco na expansão das escolas adventistas no Brasil. Uma vez que, os colégios adventistas tiveram que se adaptar a Lei nova, teve um momento de crise, mas isso fez com que as pequenas escolas que ficavam nos fundos das igrejas adquirissem novos prédios e investisse em quantidade, mas também com qualidade na prestação de serviço educacional. Atualmente, o Brasil é o país que tem uma maior quantidade de aluno na Rede Adventista de ensino matriculados referente aos três níveis de ensino do mundo. Isso é notável na fala de Gross:

A nova lei marcou o início da mais espetacular expansão de escolas adventistas no mundo; o resultado é que hoje o Brasil é o país com maior matrícula (nos três níveis de ensino) do mundo! Isto significa que nenhum país do mundo, inclusive os Estados Unidos, tem tantos alunos matriculados em escolas adventistas quanto o Brasil (dados de 1993)<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> GROSS, 1996, p. 61.

<sup>148</sup> GROSS, 1996, p.62.

De fato, a semente plantada no colégio internacional frutificou. A escola de Gaspar alto, aberta e dirigida por Guilherme Stein Jr. em 1897, com finalidades paroquiais, evoluiu para internato. Nos anos subsequentes a educação adventista prosseguia fazendo história, hoje essa educação tem 120 anos no Brasil. Na atualidade, percebe-se um crescimento em todos os sentidos na educação adventista<sup>149</sup> que se fazem presentes em 146 países, com 7.442 unidades, 74.631 professores e 1.479. 136 alunos. Na América do sul, incluindo 14 instituições de ensino superior, 15.248 professores que orientam mais de 230 mil alunos em 850 unidades escolares na Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai.

Enfim, no dia 9 de setembro de 1999 o Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, assinou o decreto oficializando a criação do Centro Universitário, decreto este publicado no diário Oficial da União no dia seguinte. Em 1998, os dois campi do instituto Adventista de Ensino foram dirigidos pelo professor Nivil Gorski, sendo que a área acadêmica diretamente envolvida na criação de novos cursos e faculdades está sob a coordenação do professor José Iran Miguel e do professor Daniel Baía nos campi 1e 2, respectivamente, sendo que o Professor Homero Reis continua como vice-diretor para expansão universitária. Com o ano letivo de 1999, o professor Leví Borrelli assume a função de Diretor Vice-presidente do campus 2.

---

<sup>149</sup> DIVISÃO SUL AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Pedagogia Adventista*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2009. p. 11.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista o objetivo proposto nesta pesquisa, essa dissertação buscou conhecer os princípios educacionais que norteiam a pedagogia whiteana. Para isso, foi necessária a revisão literária das suas obras. A pesquisa mostrou que o pensamento de uma educação cristã é o objetivo central em White. Destacou ainda, a preocupação de White com a preparação educacional do indivíduo.

Ao pesquisar os escritos de White, foi possível perceber que o ser humano precisa desenvolver o intelecto, mas esse desenvolvimento só seria possível se o educador e educando buscassem a reflexão e transformação no diálogo. Analisando os pressupostos da autora, foi possível encontrar que a inatividade produz fraqueza e debilidade.

Averiguamos que o raciocínio deve idealizar trabalhar e encorajar - se a fim de dar estabilidade e vigor ao intelecto. O estudo apresentou como deve ser o papel do professor e do aluno no processo de educação. Foi visto também, que o intelecto humano deve se esforçar para pensar, criar e agir, ao invés de ser um depósito de informações fornecidas pelo professor, e como deve o educando se livrar de ser um mero reprodutor dessas informações.

Outras questões que foram abordadas são a liberdade e o autocontrole. O conhecimento é a forma de libertação do indivíduo e o educador precisa estar preparado para essa missão libertadora. Pois ambos precisam de liberdade e autocontrole no desenvolvimento de uma racionalidade prática, enquanto reflexão na ação e não uma racionalidade estritamente técnica. Nessa pesquisa, White afirmou que a aprendizagem que consiste no exercício da memória, tem a tendência de desencorajar o pensamento independente do indivíduo.

White refutou a educação baseada em processos rígidos, sem outorgar a liberdade para pensar. Para ela, a educação fundamentada apenas no repasse de informações não liberta o ser. White entende que o ser humano tem vontade própria que deve ser trabalhada por meio do autocontrole e da liberdade. O estudo feito a partir de White apontou que a educação é um processo permanente e tal característica deve estar presente na avaliação. A educação é focada como um processo que deve perdurar durante toda a existência possível do homem. Esse conceito alarga sobremaneira a dimensão temporal do processo educativo e

minimiza a questão avaliadora ao final de determinado período escolar. Portanto, é possível entender que o processo ensino-aprendizagem defendida por White deveria ser encarado como mais de que simples adestramento ou disciplina mental. Observamos que seus objetivos fundamentais é produzir homens que tenham capacidades para pensar e agir. Homens que sejam capazes de lidar com quaisquer circunstancia que tenha clareza de pensamento e firmeza em suas convicções.

Fez-se necessário também analisar o movimento adventista o qual surgiu nos Estados Unidos da América na primeira metade do século XIX. Do mesmo modo, foi contada a história do adventismo que está relacionado ao despertar religioso ocorrido nos Estados Unidos, que constitui uma referência importante na explicação de sua origem. Mostrou-se que a história dos adventistas do sétimos dia no mundo teve seu início nos Estados Unidos e logo depois chegou ao Brasil.

Além do mais, observamos que a história do movimento adventista pode-se dividir em três momentos: o primeiro momento foi o despertar religioso que teve início na década de 1730 e foi até 1755. Já o segundo momento é mais assinalado com o andamento do desenvolvimento das crenças fundamentais e o nascimento da organização. O terceiro momento ficou marcado pela concretização da trajetória como Igreja. E havendo sido patenteada como organização em 1963 avançou até o final do século XIX e início do século XX.

Ficou claro também, que foi nesse contexto que apareceu o estudioso Guilherme Miller, homem que se destacava pelo conhecimento da Bíblia, ele foi o pioneiro do movimento adventista, nasceu em Pittsfield, Massachusetts em 1782, sua religião antes de ser estudante da Bíblia era deísta. Todavia, de acordo com o que foi pesquisado o sistema escolar no contexto adventista só veio a desenvolver-se depois do desapontamento de 1844, quando muitos seguidores abandonaram o movimento do advento. É nesse ínterim, que se configura a presença de White de forma mais intensa na educação adventista.

Conforme o conteúdo da pesquisa foi possível verificar a entrada da educação adventista no Brasil que se deu por meio do trabalho dos pioneiros americanos no País. Esses pioneiros, depois da efetivação na Europa imigraram para as terras brasileiras com o intuito de alavancar o trabalho, outrora, realizado nos Estados Unidos. Foi ressaltado ainda, que no final do século XIX surgiram às primeiras escolas adventistas no Brasil. A educação adventista de Curitiba sofreu

interferência do liberalismo no País, pois havia um enorme movimento social político e econômico nesta época. Para a compreensão da trajetória do colégio Curitibano foram relatadas três etapas principais que nortearam a consolidação da educação adventista no Brasil, a primeira etapa foi que para o funcionamento do colégio, alugou-se uma ampla casa de paredes externas de alvenaria com cinco amplas janelas frontais abertas para a Rua Paulo Gomes (nº 290). De antemão, os princípios da filosofia whiteana são aplicadas no decorrer do percurso da educação adventista.

A segunda etapa do colégio internacional se deu por meio de sua estabilização em 1897 no mês de setembro quando Paulo Kramer ex - batista de nacionalidade alemã assumiu a direção da escola. Já na terceira etapa: a expansão, as crises e recomeço tomaram o rumo da história do colégio curitibano. A pesquisa analisou a função e a influência que a educação adventista exerceu no processo de desenvolvimento da IASD a partir da criação do Colégio Internacional em Curitiba, em 1896, até a concretização da proposta de abertura do primeiro curso de nível superior, Enfermagem, em 1969, no Instituto Adventista de Ensino (IAE), a consolidação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) e o ato de instalação do primeiro reitor do Centro Universitário Adventista de São Paulo em 1999.

Esta pesquisa evidenciou também, o legado que a pedagogia Whiteana deixou para a educação Adventista, de forma que os fundamentos desta educação perduraram até os dias atuais, em que a Rede de Ensino Adventista atualmente conta com mais de 450 unidades escolares, 10 mil professores e cerca /de 176 mil alunos. Além dessas unidades, a organização mantém 15 colégios em regime de internato, sendo que sete deles oferecem da educação básica à graduação. (Dados referentes a 2012. Fonte: Associação Geral e Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia).

Essa pesquisa não pretendeu apresentar ideias fechadas ou mesmo dogmáticas, pois isso limitaria o avanço e a continuidade do estudo deste assunto. Diante da dinâmica do saber humano, uma concepção aberta propiciará novos desdobramentos que resultarão na descoberta de outros caminhos concernentes ao objeto ora pesquisado.

Logo, como pesquisador pretende-se que esta dissertação, mesmo com suas limitações de aprofundamento de que ela evidentemente sofre em função da amplitude do objeto estudado, tanto no tempo como no espaço, tenha contribuído ao campo da educação e fornecido informações para um exercício reflexivo perante a temática em pauta. Pois acredito que essa pesquisa servirá para preencher algumas lacunas referentes à busca ativa de um plano de carreira para o corpo docente, a valorização da pesquisa e da extensão no ensino superior, além de outros assuntos de relevância para a área educacional Adventista. No entanto, vale lembrar que é tarefa desafiadora chegar a uma conclusão sobre o objeto abordado neste trabalho.



## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*. Recife: Massangana, 1996.
- ATAÍDES, Daniel. *Educação confessional face ao princípio da laicidade: Uma Análise Pedagógica Adventista em Belo horizonte*. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2011.
- A. W. Spalding. *Origin and History of Seventh-day Adventists*. Washington: Review and Harald, 1961.
- BITTENCOURT. *Circe. Ensino de história: fundamento e método*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRANDÃO, J.E. *A evolução do ensino superior brasileiro: Uma abordagem histórica abreviada*. São Paulo: Atlas, 1997.
- DIVISÃO SUL AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Pedagogia Adventista*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- DEMO, Pedro. *Magistério formação e trabalho pedagógico, educação e qualidade*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- ELLIS, C.C. *Lancasterian Schools in Philadelphia*. Washington: Review and Harald, 1907.
- FOWLER, John M. *The Concept of Character Development in the Writings of Ellen G. White*. New York, Review and Harald, 19881.
- FREDERICO HOYT, *De Ellen White Cidade natal*. Portland: Review and Harald, 1987.
- GODOTTI, Moacir. *História das Ideias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1997.
- GROSS, Renato. *Colégio Adventista de Curitiba: Uma história de fé e pioneirismo: primeira escola adventista do 7º dia do Brasil*. Rio de Janeiro: Collins, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Carta de Maria K. Stein ao Dr. Gideon de Oliveira, com data de 08 de agosto de 1958*. Rio de Janeiro: Collins, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Carta da Sr.ª Lúcia Hoffmann ao prof. Renato Gross, com data de 28 de setembro de 1978*. Rio de Janeiro: Collins, 1996.
- HERBERT E. Douglass. *Mensageira do Senhor*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

HOSOKAWA, Elder. *Da colina, “rumo ao mar”*. 2001. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós –Graduação em Filosofia, Faculdade de filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

J.N.Loughborough. *O grande movimento adventista*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

JEROME, L. Clark. “A cruzada contra o álcool”, em terra *The World of Ellen G. White*. New York: Review and Harald, 1938.

KNIGHT, R. George. *Mitos na Educação Adventista*. São Paulo: Unaspess, 2010.

\_\_\_\_\_. *Filosofia & Educação*. São Paulo: Unaspess, 2001.

LA TAILLE, Yves. *Limites: Três Dimensões Educacionais*. São Paulo: Moderna, 2002.

LEITE, Branck. *Liberalismo e educação protestante no Brasil: o sistema educacional adventista que se instalou em Curitiba em fins do século XIX*. Paraná: PUC, 2005.

LUIZ, Waldvogel. *Memória de tio Luiz*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1988. 2006. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia Norte- Americana e a Educação protestante no Brasil*. Minas Gerais: Editeo, 1994.

PEDRO Demo. *Politicidade-razão humana*. São Paulo: Papirus, 2002.

ROSA, Maria da Glória. *A história da educação Através dos Textos*. São Paulo: Cultrix, 1999.

ROBINSON, *Our Health Message*. Washington, end: Review and Harald, 1977..

SCHWARZ, Richard. W. *História da igreja adventista do sétimo dia*. São Paulo: Unaspess, 2009.

\_\_\_\_\_.; GREENLEAF, Floyd. *Portadores de Luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. São Paulo: UNASPRESS, 2009.

SCHWARTMAN, Simon, Brock, Colins. *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SERAFIM, Leite. “O Curso de filosofia e as tentativas para se Criar a Universidade no Brasil”. Rio de Janeiro: Verbum, 1948.

SILVA, Marcos. *Da Republica em migalhas- História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 2006.

STENCEL, Renato. *História da educação Superior Adventista: Brasil, 1966-1999*. 2006. Tese (Doutorado)- Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Metodista de São Paulo, Piracicaba, 2006

THOMAS, Low Nichols. *Quarenta anos de vida americana*. New York: Review, 1937.

TIMM, R Alberto. I *Simpósio da Memória Adventista no Brasil*. São Paulo: UNASPRESS, 1999.

VASCONCELO, Celson Santos. *Avaliação da aprendizagem: prática de mudança*. São Paulo: Libertad, 1998.

VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. *Traços Biográficos de Guilherme Stein Jr.- Raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

WHITE, Ellen G. *Educação: um modelo de ensino integral*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ciências do bom Viver*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. *Educação*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. *Conselho sobre educação*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da educação cristã*. São Paulo: Casa Publicadora brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. *Conselho aos pais professores e estudantes*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1994.

\_\_\_\_\_. *Carta 139, 1904, Citada em Biography*. Loma Linda: Review and Harald, 1904.

\_\_\_\_\_. *“Teacher Sent from God”*. Loma Linda: Review and Harald, 1901.

\_\_\_\_\_. *Patriarcas e profetas*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. *Exaltai-o-MM. Como restaurador do corpo e da alma*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1992.

\_\_\_\_\_. *Conselho sobre saúde*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1965.

\_\_\_\_\_. documento eletrônico disponível em:  
[www.adventistas.org/pt/espirtodeprofecia//biografia-de-ellen-g-white/](http://www.adventistas.org/pt/espirtodeprofecia//biografia-de-ellen-g-white/) acesso em:

20 set.2015.